

21
**FON
FON**



Molde no supl. anexo



Louise Allbritton

**NESTE
NUMERO**

QUANDO CHEGA O AMOR (Conto amoroso)
NÃO SIGAS MEUS CONSELHOS (Conto sentimental)
EPOPEIA DE AMOR (Romance histórico)
MODAS — RÁDIO — TEATRO — CINEMA — BORDADOS

Um repouso bem merecido



SOLDADOS americanos, barbados e fatigados, após os rudes combates de que participaram no Pacífico, regressam ao seu acampamento onde desfrutarão de um bem merecido repouso, afim de readquirirem vigor para as futuras batalhas.

(Foto da "Inter-Americanas")

♦♦♦

ESTES dois famosos atores tem feito rir o mundo livre com suas três peléuas intituladas "A Caminho de Zamzibar", "A Caminho de Singapura" e "A Caminho de Marrocos", estando ambos atualmente trabahando na quarta da mesma série, intitulada "Road to Utopia" (A Caminho da Utopia) em que Dorothy Lamour desempenha o primeiro papel feminino.



ANO XXXVIII

NÚMERO 21

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro
20 de Maio
de 1944

FON FOM

PRO'-MOTA LIMA

Foi profundamente comovido que il a moção da Associação Brasileira de Imprensa, dirigida ao sr. presidente da República, em favor do jornalista Pedro Mota Lima. Lá e, subitamente, revivi aqueles bons tempos de sonho, de idealismo sadio e de lutas jornalísticas dentro da redação d'«O Imparcial».

«O Imparcial», ou seja — «o Verdun brasileiro», na frase incendiária do grande Irineu Machado. Lançada, em uma tarde memorável, da tribuna do Senado, se não erro.

Trepado em um primeiro andar avoengo, da rua Sachet, em 1922, «O Imparcial» era uma espécie de quartel general dos homens de responsabilidade que preparavam a vitória da Revolução, essa que haveria de triunfar, oito anos mais tarde.

A frente do jornal, estavam as figuras destemidas de Macedo Soares, o então comandante Alvaro Vasconcelos e o professor Leônidas de Rezende.

O chefe da redação era Pedro Mota Lima.

Havia outros colegas brilhantes, como Humberto de Campos, Maurício de Lacerda, Manuel Gonçalves (hoje secretário d'«O Globo»), Reis Perdigo, Paulo e Afonso Varzea, Cláudio Ganss, Adalberto Coelho, José Augusto de Lima e outros de menos projeção, entre os quais, este modesto cronista que, naquela época, não passava de um simples reporter do popular matutino.

Mas, sem dúvida alguma, a alma maquiavélica de todos os meios de lógro e de perfídias, empregados contra a astúcia da polícia-política daqueles dias agitados, era Pedro Mota Lima.

Com que volúpia o nosso valente secretário não ludibriava a censura — encravada nas oficinas do jornal! Com que alegria se comentava, mais tarde, o «bluff» de «a emanchette» escandalosa, demagógica, e que havia sacudido a massa popular!

Tudo que contrariasse ou irritasse os propósitos da situação dominante, com viva repercussão na alma do povo, era um motivo de festa para a redação do «Verdun brasileiro».

E Pedro Mota Lima vibrava, pulava satisfeito, rindo, esfregando as mãos, num gesto muito seu, radiante pelo sucesso obtido.

Revolucionário sincero, cheio de entusiasmo e coragem, para enfrentar, incessantemente, os duros embates arcaicos aos quais se haveria de reformar o velho regime instituído em 89 — Mota Lima era como que a centelha estufante, a inflamar, de improviso, com uma notícia palpitante, uma «blague», um movimento qualquer, o ambiente do destemido matutino, mantido, já de si, numa constante tensão de nervos crescente.

E certo que esses momentos de agitação e alegria, de destemor e dinamismo jornalísticos, em oposição corajosa aos detentores do poder, eram resgastados com acerbos horas de amargura, horas exasperantes de ódio, de revolta, de decepções e sombrias misérias.

Não raro, as caravanas da polícia invadiam, de choque, as salas d'«O Imparcial». O ataque era desfechado pela rua Sachet e a da Quitanda — até onde o edifício se estendia.

Quando isso acontecia, o jornal era fechado. Seus redatores, às vezes, até mesmo os contínuos, eram trancafiados nas famosas «geladeiras» da rua da Relação.

Os que ficavam cá fora, prosseguiam na luta, correndo os mesmos riscos, sem desfalecimentos. E com que maravilhoso denodo! Com que fé na vitória da Revolução!

Certa noite, ocorreu um episódio pitoresco.

Um «garçon» havia deixado uma bandeja, contendo algumas chicaras e vasilhames de café, em cima de uma das mesas da redação. O vigia — o homem que espreitava a polícia — se havia criminosa e desculhado.

A caravana policial toma de assalto o edifício. Vários colegas, enquanto outros fugiam, eram imediatamente detidos.

A expectativa era alarmante. A cavalaria cometia violências nas ruas. Havia correrias e os boatos circulavam.

Apanhado de surpresa, Mota Lima teria de fugir. A sua fuga era imprescindível aos interesses do jornal.

Em mangas de camisa como estava, na redação, ele se vale de hábil estratégia. Um estratagemma um tanto cômico. Toma da bandeja e, fazendo crer ser o «garçon», pede licença e passa por entre a turma de investigadores que guardava uma das entradas do prédio.

No dia seguinte, o caso era glosado entre risadas gostosas e pilhérias. E a luta recomeçava. Reacendia-se mais intensa, mais viva, mais cheia de uma coragem atrevida. E quem mais ria, e mais se comprazia em traduzir qualquer boato, qualquer agitação na cidade, como o incêndio da bombarda, em prol da causa defendida pelos 18 de Copacabana — era exatamente Mota Lima.

— Viva a Revolução! — gritava-se destemerosamente, no recinto da redação.

— A «coisa» começou, meus senhores...

Mas, de repente, a polícia surgia.

Ainda não era a Revolução.

Foi por esse motivo que aquela moção dos meus nobres colegas da A. B. I., com o Herbert Moses à frente — a mim, velho companheiro desse irrequieto Mota Lima, jornalista vibrante e romancista de mérito, — o tremendo sarcasta d'O Coronel Louzada — me comoveu e, ao mesmo tempo me levou a filosofar sobre a brutalidade das surpresas com que o Destino nos colhe, traçoetramente.

«nel mezzo del camin di nostra vita...»

BASTOS

PORTELA

PEQUENINA, com os cabelos quasi azues a força de ser negros, a cutis azeitonada como a das estampas chinesas e os olhos estranhamente cinzento-azulados, tal era Mauriette Barnenave. Sempre suspirava ao mirar-se no espelho pensando que suas companheiras de colégio eram mais formosas que ela e que até as criadas de seu castelo, bretãs perfeitas, louras e robustas eram superiores em formosura.

De seu aposento Mauriette podia ver todos os aposentos do castelo dos arredores de Bordeaux, que seus pais habitavam desde muitos anos.

— Mauriette! — chamou a senhora Barnenave. — Mauriette! Que fazes? Teu primo não há-de demorar; vem, que estamos esperando o carro.

A jovem fechou os olhos. Seria verdade que Gilberto chegava, afinal, após dez anos de ausência? Como lhe havia querido quando era pequena! Esse rapazinho masi velho do que ela poucos anos sempre cuidara dela e a protegera com a solicitude de um perfeito homenzinho, e o carinho de Mauriette por ele fôra aumentando à medida que o tempo passava... Nesse momento, apesar de fazer dez anos que não se viam, a jovem sentia palpar seu coração sob o poder dêsse amor que fôra germinando em segredo...

Seu pai dissera-lhe, dias antes: — Gilbert de Puylersac vem do Chile passar um mês de férias conosco... Deves estar contente, não? Lembra-me de que, quando pequena, tu o adoravas.

Mauriette não disse nada, mas pensou que, mais do que adorá-lo como um companheiro de infância, o amava. No entanto, seus temores aumentavam à medida que se aproximava o instante do encontro. E Mauriette contemplava-se, receosa, diante do espelho, pensando que era muito moreninha e felosa, já que o contraste dêsse grandes olhos cinza-azulados com a cor mate de sua pele era bem acentuado e pouco comum no norte da França.

Enquanto descia a escada com sua mãe, esta lhe disse, passando

o braço pela cintura da filha:

— Passaremos um mês com Gilbert, Mauriette, e isto muito me alegro, pois ele, outrora, era quasi um filho para mim... Espero que ele te achará bonita, pois, minha filha, cada dia estás mais formosa...

MADAME Barnenave e sua filha encontravam-se no salão, onde os últimos calores de setembro entravam como em ondas pelas grandes janelas.

— Teu pai e Gilbert irão á caça — começou a dizer a mãe.

Depois, sem transição e sem olhar o rosto de Mauriette, continuou:

— Vi que os convidados não se ocupam muito de ti... Ou melhor, noto que esse idiota do Gilbert só tem olhos para Arlette, sem pensar que faz um ano que faleceu seu marido...

Mauriette pareceu sair de um sonho.

— Escuta, mamãe — disse ela, suavemente. — Sem dúvida foi sugestionado pela graça de Arlette... Além disso, essas cousas só ele pode resolver...

— Mas... não o amas? — perguntou-lhe, um pouco espantada, Madame Barnenave.

A jovem levantou-se e disse, rapidamente:

— Gilbert amar-me-á, mamãe. Ele terá que amar-me... Mas deixa-me agir sozinha, eu te suplico...

Correndo ela se afastou pelo parque, e sua mãe ficou pensativa, certa de que a filha iria chorar sob as árvores.

No entanto, dessa vez a mãe se enganou. Mauriette não chorava. Tranquila, estendeu-se na areia, apoiando a linda cabeça nas grandes folhas atiradas ao chão. De um de seus bolsos tirou algumas páginas rabiscadas e antes de lê-las, ficou pensativa. Desde sua chegada Gilbert estivera atento e correto com ela. A cada gentileza da jovem respondia com um "Obrigado, Mauriette!" "E's muito gentil, Mauriette"... Mas nada mais. Nem uma palavra carinhosa. Só de quando em quando via seus olhos escuros fixos nos olhos dela ao ponto de chegar a perturbá-la. E era nesses mo-

mentos que Mauriette exclamava para si: "Ele tem que amar-me"... Depois ia esconder sua pena entre as plantas, sobretudo quando o via acompanhando a formosa Arlette. Ah, nesse recanto amigo, fôra escrevendo um poema em que resumia seu amor: "Alma pura, sombra divina, Vem para mim"...

A' medida que repetia esses versos, ia sentindo as lágrimas inundar-lhe os olhos.

FALTVAM apenas alguns dias para que Gilbert partisse novamente, quando, ao passar pela biblioteca, o rapaz encontrou sobre uma cadeira, umas páginas rabiscadas. Curioso, começou a ler, distraído:

"Alma pura, sombra divina, Vem para mim"...

Quem poderia ter escrito aquilo? Seu pensamento voou para a preciosa Mauriette, a garota de olhos estranhos e sonhadores. Docemente, ele murmurou:

"E virás para mim?..."

Arlette aproveitando a partida de Gilbert, inventou um pretexto para ir depois. No dia da despedida, Mauriette estava pálida, mas calmamente sorria a todos os hóspedes. Gilbert olhava-a e, aproximando-se, disse-lhe com certa melancolia:

— Que pouca atenção me deste, Mauriette! — exclamou o rapaz, aproximando-se dela e tomando-lhe as mãos. — Peço-te perdão, embora o único digno de pena, aqui, seja eu, que percebo, agora, o tempo que perdi.

A jovem fechou os olhos. Nesse momento se aproximava deles um grupo de amigos com Arlette, e Gilbert teve que subir ao carro para ir passar uns dias em Bordeaux. Arlette e Mauriette agitaram seus lenços.

Que importava a Mauriette essa partida? Ela sabia que seus pais iriam, dentro de alguns dias, a Bordeaux, para despedir-se de Gilbert, e então se encontraria a sós com ele, e essa seria sua última oportunidade.

NESSA tarde, a do dia da partida de Gilbert, o auto de Arlette negouse a caminhar. Mauriette, com o olhar ansioso, seguia-lhe os movimentos, certa de que ela havia provocado essa

O CONTO AMOROSO

Quando chega o

clamava
de amar-
der sua
obretudo
handa a
nesse re-
ndo um
amor:
na.

la esses
ágrimas

na dias
esse no-
sar pela
trou só-
páginas
neçou a

no,

to aqui-
para a
rôta de
adores.
u:

partida
pretexto
a despe-
pálida,
a todos
ava-a e
e com

me des-
u o ra-
e to-
Peço-
igno de
percebo,

s. Nesse
a deles
Arlette,
no carro
em Bor-
tte agi-

auriette
ue seus
ns dias,
r-se de
raria a
sua úl-

da par-
de Ar-
r. Mau-
oso, se-
erta de
do essa

— "pane" para que a jovem não chegasse a tempo.

— Que coisa terrível, Mauriette! Não vamos poder chegar. E te! Não havia prometido a Gilbert eu que havia prometido a Gilbert eu que iria a seu embarque... Dentro de quatro horas zarpará seu navio.

— Não é nada; caminharei através das plantações — disse, resoluta, a jovem. — mas chegarei à cidade e tomarei um taxi.

— Acompanhar-te-ei — disse-lhe a outra, decidida.

— Não poderás fazê-lo, pois não estás acostumada a caminhar por estes lugares selvagens... Mas se quiseres...

Silenciosamente, olhando-se com certo rancor, as duas puseram-se em marcha. Pelo caminho os saltos de Arlette torceram-se e ela suplicou a sua companheira:

— Por favor, Mauriette, pára, que não posso mais!

Mas, ao voltar-se, viu Mauriette, que, apressadamente, passava a seu lado e prosseguia, imperturbável, seu caminho. Bem depressa a viu desaparecer, e sem pensar em segui-la, deteve-se para descansar, com um gesto de indiferença.

Mauriette chegou no momento precioso em que partia o auto. Trêmula e com os olhos cheios de lágrimas colocou-se em um recanto, lembrando-se de que a maldade de Arlette quisera privá-la da última satisfação. Logo que chegou a Bordeaux, tomou um taxi e se fez conduzir ao vapor.

Não pôde subir a bordo, porque já iam retirar a pequena escada.

— Gilbert, Gilbert! — gritou de fora. — Até breve!

Espantado, ele olhava a jovem, que, vestida com simplicidade, estava bem erguida no cais. Dali contou ao rapaz o que havia ocorrido, e Gilbert adivinhou a perversidade de Arlette e descobriu o amor que brilhava nos lindos olhos zaues. Não era, porventura, esse o verdadeiro amor? Não havia chegado até ele?

Trêmulo e balbuciando as palavras como se fôsse um tímido colegial, Gilbert disse-lhe justamente no momento em que o navio levantava frrros:

— Mauriette, dentro de seis meses regressarei... Mauriette..., Mauriette..., dize-me que me esperarás! Suplico-te que me esperes, porque nesse dia te direi tu-



do o que sinto por ti..., o amor que soubeste despertar com tua doçura e... a felicidade que nos aguarda, se é que me amas...

Com os olhos cheios de lágrimas

mas a moça concordou com a cabeça. Para que falar, se não podia e as palavras eram demais diante da alegria que revelava seu rosto?...

O AMOR...

De Jean Alexis Herel



Proteja seus Atrativos...

Uma só aplicação de Odo-ro-no Líquido pode impedir a transpiração durante uma semana ou duas. Liberte-se pois, dessa preocupação constante!

Odo-ro-no não tem odor — mantém as suas axilas sem humidade e sem odor.

O tipo "Regular" de Odo-ro-no é o desodorante mais efetivo que existe. Odo-ro-no "Instantâneo" é mais suave; indica-se para as pessoas de pele sumamente delicada. Ambos são preparados baseados em uma fórmula médica.



ODO-RO-NO

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Soltará da Cãma Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pilulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça às Pilulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

Notas de ARTE

NADIR DE FIGUEIREDO MARTINS COSTA. — 39º Concerto do Centro Musical Roxy-King, realizou a sra. Nadir de Figueiredo Martins Costa na noite de mercuridia, 4ª-f., 26 de abril, no salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Musica, o seu anupelado recital de canto, acompanhada ao piano pela Prof. Berta Leão Veloso, e fazendo-se ouvir nos seguintes números deste programa, além do extra — Estrela Brillante, de Jayme Oyalede; I) CACINI — Amarilli; WICKERLIN — Non, je n'irais plus au bois; MOZART — Ah! le so; WEBER — Aria Agata, da op. O Franco Atirador (Freischütz); II) G. FAURÉ — Splen e Nell; G. DUPONT — La fontaine de pitie; CYRIL SCOTT — Lullaby; RENÉ TALHA — Rime tronche; F. SANTOLUQUID — Riffessi; III) F. OBRADOIRS — Co-razon, porque passais?... Cantares populares (2) F. MIGNON — Trevas de amor; H. VILLA-LOBOS — A canção do marinheiro.

A impressão imediata que nos deu a recital foi de surpresa... Nadir Figueiredo — chamamos-lhe assim porque nos parece ser esse o seu nome de artista, desde que há meia dúzia de anos, nos appareceu na companhia, cantando «Os Pãtagos», de Leoncavallo, na figura de Nedda — tinha dotes vocaes apreciáveis mas bem longe de annunciar os que actualmente ouvimos de nos surpreender no seu recital.

Qualquer que sejam as restrições e reparos que mereçam as interpretações de agora, o certo é que, através delas, se admirou e se aplaudiu com justiça a bela voz de soprano lírico pouco vulgar pelo volume, e de apreciável musicalidade. E os predilectos naturais já estão bem accentuadamente cultivados, o que se vê bastante na limpidez dos agudos e no apuro da meia voz, na finura dos pianíssimos. Prova incontestável desses conceitos foram as interpretações bastante comunicativas da Aria de Agata e de Lullaby, números estes mais que todos calorosamente applaudidos por palmas e chamados, e o último dos quais foi bisado. Foram os dois números especimenes do valor da artista como intérprete: de musica dramatica, fazendo sobressair na Aria de Agata, o que um critico lhe attribue, isto é, "aquella expressão livre de uma alma impaciente, que, na calma da noite espera, cujos sentimentos se exaltam pouco a pouco", e de musica de camera dando a Lullaby toda a doçura penetrante de um suavissimo acalanto.

Além dos dois números especimenes, podiam citar-se como das melhores interpretações da artista — Nell e Corazon, porque passais?...

Não terminamos esta nota sem assinalar que a nossa surpresa pela ascensão da voz e da arte de Nadir Figueiredo desaparece ao sabermos que durante o tempo em que não a ouvimos, a cantora estudou com verdadeiro professor de canto que sabe e pratica a sua arte, René Talha, e não com regente de orquestra mais ou menos medíocre, que não tem voz, não sabe cantar e não cantou nunca. Continue nesse caminho, e não faça como outras colegas e patricias suas — algumas de vozes excepcionais — que teimam em seguir pseudo-professores, estragam as vozes e sofrem até com essa teimosia injurias e calunias que não merecem.

LILIA NUNES. — 208º concerto do Centro Artístico Musical, reali-

zou-se na noite de Jovedia, 28-f., 27 de abril, no salão nobre da Escola Nacional de Musica, mais um recital de canto da camerista Lilia Nunes, acompanhada ao piano pelo Prof. Geraldo Rocha Barbosa. Além da Berceuse de Darius Milhaud, e de um ou dois bis, foram executados os números deste programma: I) SCHUMANN — Le Pauvre Pierre; a) Voyez Margherite et Jean... b) Je porte en moi un ombre mal... c) Le pauvre Pierre marche seul...; SCHUBERT — Message d'amour, Le tilleul, La fille du pêcheur; II) DEBUSSY — Trois chansons de Bilitis: La flute de Pan, La Chevelure, Le tombeau des naiades; RAVEL — Nicolette; FAURÉ — Clair de lune e Le voyageur; III) F. MIGNON — A estrela e Pousa a mão na minha testa (letra de Manoel Bandeira); JOHNSON — Little David play on jão harp e Crucifixion (duas canções «Negro spirituals»).

Embora a voz da cantora não se recomende por dotes naturais, mesmo, é todavia uma voz agradável, e que com o exerecio continuado do canto parece ter crecido em volume e extensão, comparada com a que se nos revelou em recital anteriores. Mas o que notabiliza cada vez mais a cantora Lilia Nunes é a sua arte de cantar. Digna, sensível, articulação, tudo é preciso, certo, nítido e seguro. E, o que é mais, sabe, como poucos, dar vida à musica de camera. Dramatiza o canto na mimica da face. Vê-se-lhe no rosto o sentido de cada poema. Não só restrição — oriunda talvez mais de defeito da nossa do que da sensibilidade do artista — lhe fazemos sob esse aspecto: é que ás vezes a mimica expressiva nos apparece algo preciosa e artificial. Desagradamos mais natural e espontânea. Por isso o que na maioria dos números exibidos não notamos nem precisão nem artificial. E é assim que, nos impressões mais distintas, Le tilleul, de Schubert, para nós a obra-prima interpretativa do todo recital, La flute de Pan, La Chevelure e Le tombeau des naiades, em que a poesia de Pierre Louys e a musica de Debussy, encontraram rara e fiel intérprete, e ainda A Estrela, de Mignone e Crucifixion de Johnson.

O auditório, onde se viam varias e applaudidas cantoras brasileiras, prodigalizou justas e fervorosas palmas a recitalista, chamando-a varias vezes ao tablado e pedindo e obtendo extra e bis.

Registremos afinal que o pianista acompanhador, Prof. Geraldo Rocha Barbosa, concorreu eficientemente para o belo éxito do belo recital.

BAILADOS RUSSOS. — Em a noite de venerdia, 6-f., 5 de maio, estreou no Teatro Municipal, a famosa Companhia de Bailados Russos do Coron. W. Basil, successor de Diaghilew, que foi senão o criador, o organizador da célebre agremiação coreográfica donde surgiram os mais altos exponentes modernos da arte de Terpsicore, entre os quaes avultam Pavlova e Nijinsky.

Foram á cena os bailados: SILFIDES, sonho romantico em 1 ato, de Fokine com musica de Chonin; SINFONIA FANTASTICA, episódio da vida de um artista, musica e libreto de Berlioz, coreografia de Massine; BALLE DOS GRADUADOS, musica de Johann Strauss, argumento e coreografia de Lichine.



Página do Lar

DEZ CONSELHOS IMPORTANTES

- 1.º. Cultivarás o amor á beleza e procurarás estar sempre o mais bela que te seja possível.
- 2.º. Procurarás com infinito cuidado conservar a beleza que te vem da natureza, tentando sempre enriquecê-la com o que a natureza se esqueceu de dar-te.
- 3.º. Recordarás que o ar livre, a vida sã e o pensamento puro são os principais requisitos da saúde. Não esquecerás que a boa saúde é necessária á beleza.
- 4.º. Dividirás o tempo de modo que não desperdices nenhum de teus dias, não deixando nunca de dar a teu espírito e a teu corpo o descanso diário de que precisam, sobretudo o sono, doce reparador da natureza.
- 5.º. Empregarás alguns cosméticos e remédios, porque, vivendo uma vida que não é natural, precisas de empregar meios artificiais para conservar e aumentar tua beleza.
- 6.º. Não te apegarás á natureza de maneira exagerada, nem tão pouco a mudarás completamente pela artificial.
- 7.º. Farás todos os esforços para ser e parecer natural, como te haveria feito a natureza, se tivesses vivido sempre sob a carfela dos raios do sol.



Junto á escada de uma casa senhorial, a galeria de quadros conserva uma sóbria harmonia com o conjunto que a emoldura.



Escada artisticamente terminada para uma casa de estilo. A mesinha e a cadeira em acajú e a tapestaria em tecido de cor verde.

- 8.º. Não utilizarás pinturas nem cremes senão quando estiveres só, diante de teu espelho.
- 9.º. Todas as noites, ao deitar-te, limparás teu rosto e teu pescoço, fazendo uma ligeira massagem para refrescar tua pele.
- 10.º. Terás sempre em mente que a verdadeira beleza é um reflexo do espírito, e que o bom humor e o coração podem fazer mais por tua beleza que todos os cremes e pinturas do mundo.

O QUE A DONA DE CASA DEVE SABER

ALGUMAS mães acham, erroneamente, que não devem cortar as unhas do bebê enquanto este é muito pequeno, de poucos meses. As unhas crescidas deverão ser cortadas qualquer que seja a idade da criancinha. É aconselhável fazê-lo enquanto dorme o bebê, para evitar seus movimentos.

* * *

O leite talhado, de um dia para outro, é excelente para tortas, etc.

* * *

Uma jovem de 25 anos, que tenha 1.62 de altura, deve pesar, termo médio, 60 quilos.

* * *

Matrona significa nobre e virtuosa mãe de família; mulher respeitável pela idade estado e procedimento.

"Como conseguiu uma
pele assim tão linda?"

— **UMA** *Cutis Juvenil!*

SEMPRE CHAMA ATENÇÃO

Raras vezes foi uma jovem
interpelada, na rua, por
outra que lhe perguntasse
onde fez ou quanto custou o
seu vestido. Mas quem tem
uma pele perfeita já mais de
uma vez ouviu, mesmo
de desconhecidas, a pergunta
suprema: como conseguiu
uma cutis assim?

É que a pele é o problema n.º 1
da mulher. E ao encontro
dêsse problema vem Leite
de Colônia, que limpa,
alveja, amacia a cutis. E se
tem espinhas, cravos, sardas e
manchas, não procure esconder
êsses defeitos, corrija-os com
Leite de Colônia, preparado
rigorosamente científico e
eficiente.

Provoque a admiração
de todas, usando, duas vezes
ao dia, Leite de Colônia, a
juventude permanente
da cutis!

Leite de Colônia



J. W. T.

Vida Infantil



PRINCÍPIOS PARA A VIDA ESCOLAR

Toda mãe deve cultivar sempre, no coração e no espírito de seus filhos, o amor e o respeito ao mestre.

Como um princípio moral, não se deve nunca aceitar a queixa dos meninos sobre o mau caráter de seus professores.

Ensinando em casa as crianças tudo o que se lhes recomenda na escola contribue-se para formar um temperamento dentro do normal equilíbrio que exige mais tarde a vida.

Todo condiscípulo deve ser considerado um amigo e um verdadeiro companheiro, qualquer que seja a sua condição social ou financeira.

Nos bancos escolares forma-se, com uma proporção igual à do próprio lar, o caráter do menino. Defeitos ou virtudes terão ali motivos de elogio ou de censura.

As correntes educativas que afluem dos diversos meios a que pertencem os escolares são, às vezes, como sementes lançadas ao acaso em terreno virgem: se a mãe não se aproxima diariamente do espírito de seus filhos, dificilmente poderá eliminar o que de malsão chegará à alma da criança.

Sempre existe alguma coisa que desperta descontentamento na mãe relativamente à educação e instrução de seu filho: toda recomendação, ou reclamação que deva fazer-se às autoridades escolares deve ser ignorada pelo me-

nino, para evitar que o seu temperamento se engane no fim que almeja e se julgue autorizado a envaidecer-se diante de seus colegas interpretando mal a intervenção dos seus.

1. — *Bata em fazenda listrada azul e ecoste, terminada com cordão azul em tecido de lã e algodão. Forro abrigado de seda.*

2. — *Abriço de corte-alfoiate com jogo de acia bolões. Pode ser confeccionado em cinza ou marrom.*



3. — *Roupa interior que pode ser de ponto ou de crochê de lã.*

4. — *Bonita blusa de lãol branco e calças cor de ameixa.*

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão oborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêsos, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêsos, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*

MINHA filha: Nada me lisseste, entretanto, como vês. eu sei de tudo. Quem mo disse? Ninguém. Nenhuma de

Martha. Alfredo é um cofre de maravilhas, e seria o candidato ideal, se não tivesse umas, Um só, insignificante,

brar-me demais e que podiam ser, em sua insignificância, o suficientemente importantes para demolir todo o nosso castelo de

O CONTO SENTIMENTAL De Poddy L. Bird

Não Siga

tuas amigas quebrou a promessa de silêncio que te fez.

A revelação foi feita pelos teus olhos, vestidos de um brilho estranho; por tua voz, que adquire às vezes musicalidade de fonte; por tuas mãos, que deixam cair com mais frequência do que habitualmente as cousas que seguram. Todas esas cousas e o raro nervosismo que te invade sempre que citamos o nome de Alfredo Laborde me convenceram de que estás apaixonada por êle. E achei-o muito lógico. Alfredo é um rapaz bonito, inteligente e tenaz. Tem uma frente nobre, olhos escuros e profundo, riso franco e mãos firmes, que devem encher-se de calor quando te acariciam. Não! Não te envergonhes nem pretendas negá-lo! Há vinte anos atrás, também me beijava às escondidas teu pai, e tremia ao pensar que alguém pudesse descobrir-lo. E' claro eu estava em inferioridade de condições! Um as tias soteironas ocupavam perto de mim o lugar que minha mãe deixara vazio. E essas criaturas anêmicas e apergaminhadas não eram precisamente o tipo ideal de confidente amorosa.

Voltemos ao nosso caso,

prosaico, mas tão importante! Seu ordenado mensal de quinhentos cruzeiros!!

Já sei, minha querida, que, segundo as contas que vocês fizeram centenas de vezes a ponta de lapis, aquele dinheiro, chegará para tudo. E ainda restará um *pouquinho* para sair de quando em quando e outro para gastos imprevisíveis de farmácia... E' claro que te ocuparás de tudo: cozinha, lavagem e limpeza, cousas que sempre te pareceram intoleráveis, mas que se transformarão em tarefa de anjos realizadas em teu ninho e para êle!

Há vinte anos, minha doce namorada, eu pensava como tu. Casei-me com teu pai quando êle tinha ainda um ordenado superior em cincoenta cruzeiros ao de Alfredo. Também nossos cálculos haviam dado como resultado cifras redondas, cheias, de exatidão maravilhosa. Também eu me ocupava, encantada, dos afazeres que antes me pareciam indesejáveis. Levantava-me às seis para preparar o café para teu pai. Depois arrumava meu quarto, limpava a casa e saía a regatear com os vendedores êsses vinte centavos que pretendiam co-

álculos demasiado exatos. Em seguida o preparo da comida, simples e feita com a menor quantidade possível de condimentos inúteis.

Não podes avaliar as lágrimas silenciosas que derramei diante de minhas primeiras derrotas, num arroz *pegado* ou uma torta que se desfazia!

Depois o tanque de lavar e o ferro de engomar. E outra vez a cozinha!

Passavam os meses. E, que diante de minha primeira unha quebrada havia sofrido pouco menos que um desmaio, me habituara às mãos ásperas, despidas.

Também fomos percebendo que havia uma quantidade de gastos que não tínhamos previsto: eletricitas, consertos de sapatos, tintureiro... Eles tiveram de absorver aqueles cruzeirinhos que havíamos colocado em uma caixinha pomposamente denominada "Diversões".

E houve ainda outra despesa, que também não figurava em nossos planos. Pressentimo-la, na primeira manhã em que despertei com enjôos... E a contemplamos, meses depois, na forma de um bebê roliço que dormia placidamente no berçinho comprado com o dinheiro

que eu, penosamente, consegui
juntar para renovar meu gasto
agasalho. Deus havia mudado
as cousas, e eu não senti ne-

Meus Conselhos...

nhuma pena ao sacrificar por
ti aquela vaidade.

Não sabia então que a ego-
nhia ia visitar-me duas vezes
mais no escasso espaço de três
anos e que o pobre casaco teria
que resistir a três tituras casei-
ras. Tão airoso saiu o pobre
da prova, que inda pude con-
feccionar com as partes sãs
teu primeiro agasalinho!

Já sei que me dirás que o
amor dá fôrças para qualquer
cousa. Mas é que até o amor
mais forte vacila quando as
mãos que se estreitam são ás-
peras e os cabelos que se beijam
cheiram a fumaça e a sabão
ordinário...

Responder-me-ás que papai
ne quer muito e que eu sou,
para êle, a mulher mais mara-
vilhosa do universo. E' verda-
de, filha, é verdade! Mas não
imaginas os temporais que tive
de enfrentar para chegar
este ponto de placidez que é
nossa vida atual!

Posso permitir-me agora o
luxo de fazer para mim um
agasalho todos os invernos e de
comprar alguma cousa que me
agrade sem fazer previamente
uma infinidade de cálculos,
mas já tenho algumas cãs na
cabeça e rebeldes rugas diante
dos olhos!! E' amargo, sabes!

Ês tão jovem, Martha! Es-
quece Alfredo! Salva-te de so-

nível de mediocridade a que te
condenará um casamento com
êle. Renuncia às estrelas e
firma com mais segurança teus
pés em terra firme!

Que! Como dizes? Que se eu
fui capaz de salvar meu amor,

tu, que és minha filha, também
terás fôrça para salvar o teu?

Ha, Martha! Minha filhi-
nha! Como me fazes contente!
Ês corajosa e leal! E eu tinha
tanto medo que ouvisses meus
conselhos... — Iniza.

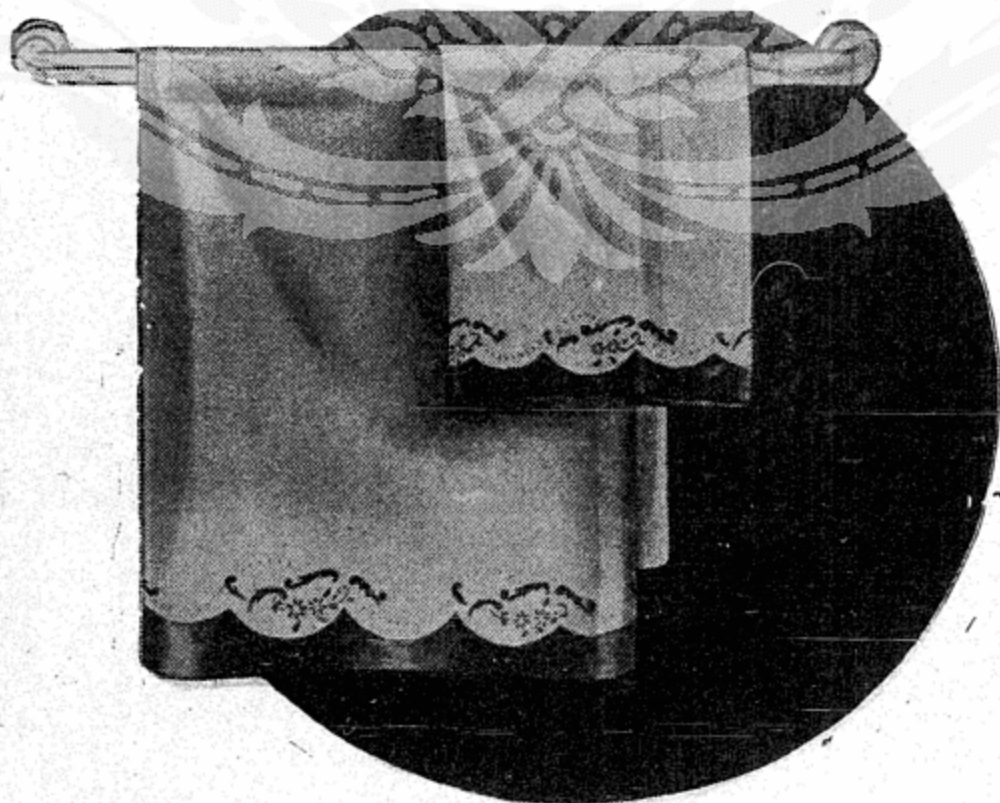
ROUPA DE

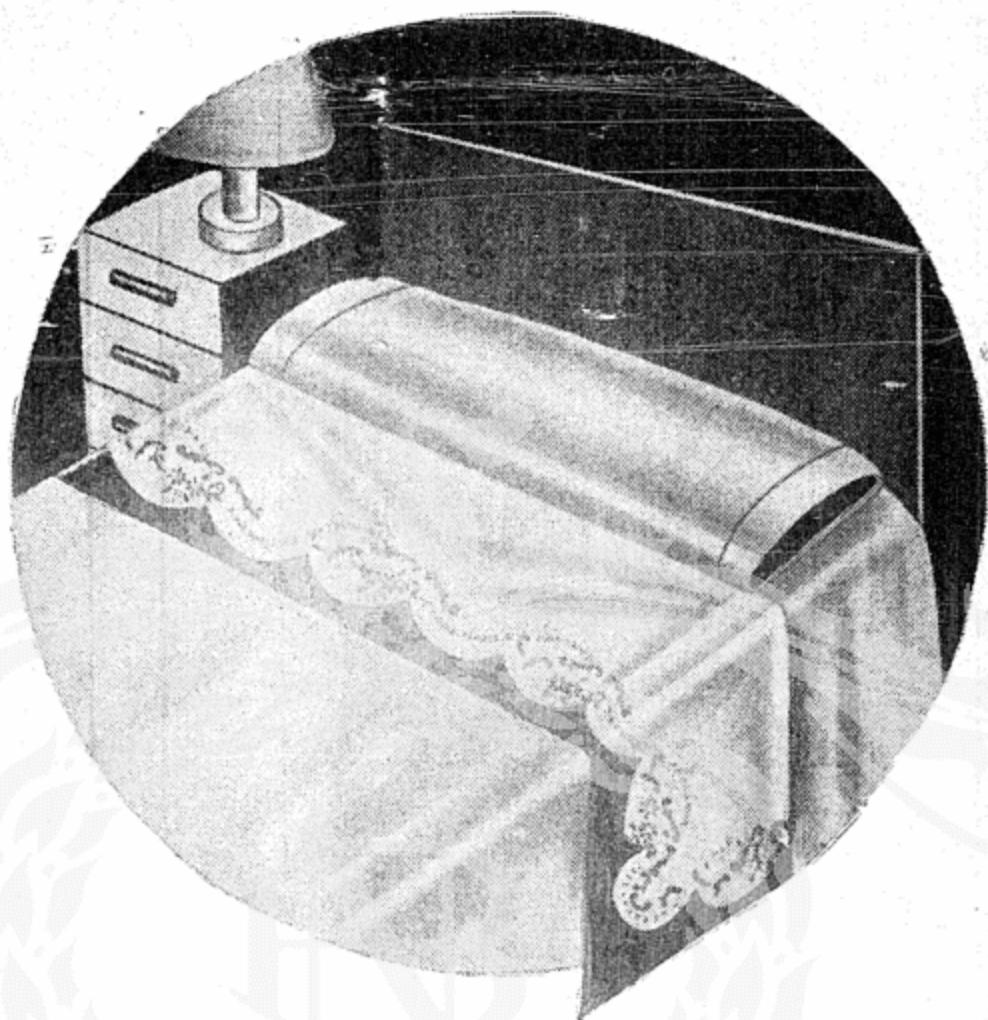


MMARGARIDAS bordadas em ponto cheio e papoulas em «Richelieu» são os motivos que guarnecem os quatro trabalhos destas páginas. Lençol, toalha de banho e de rosto. Para os lençóis pode ser adquiri-

do linho ou cretone de boa qualidade e para as toalhas, linho ou grannitê.

O bordado «Richelieu» é executado com linha mercerizada em cores ou em branco.





O jogo de margaridas leva uma barra formando ondas invertidas. A cor da barra deve ser escolhida de acordo com o quarto.

O bordado é feito em cores sendo as margaridas em tons de amarelo

laranja, as hastes em verde e os arabescos em amarelo escuro. No jogo de «Richelleus» o risco de papoulas é aplicado em retângulo, sendo um em quadrado, para o canto. Na toalha de banho é aplicado um

retângulo na extremidade e na de gosto apenas um quadrado. Ambas levam uma barra em cor. Estes riscos são encontrados no suplemento da revista.



**PARA CADA GOSTO UM TOM,
PARA CADA PELE UMA CÔR.**

Pó de Arroz
ORYGAM DE GALLY

**O PÓ DE ARROZ QUE
REALÇA A BELEZA!**

A' VENDA EM TODO O BRASIL

OS MISTÉRIOS da VIDA

A Universal apresenta com orgulho esta primeira produção de Charles Boyer e Julien Duvivier. Trata-se realmente de um dos maiores trabalhos após *O Fantasma da Ópera*, o filme que marcou um sucesso sensacional.

"Os Mistérios da vida", como o título deixa prever, reúne o místico, a superstição, o trágico, mantendo o interesse de todos do começo ao fim.

A Universal não poupou despesas, não olhou custos e reuniu neste filme um verdadeiro dilúvio de grandes artistas: Robert Benchley, Betty Field, a estrêla que há pouco vimos em "Em cada coração um pecado"; Robert Cummings, Edward G. Robinson, Thomas Mitchell, Dame May Whitty, Anna Lee, C. Aubrey Smith, Charles Boyer, Barbara Stan-

wych e Charles Winninger, além de muitos outros.

Robert Benchley inicia o filme com as suas dúvidas acêrca de um acontecimento fatal. Ele sonhara com algo que o deixou bastante perturbado. Procurando entretanto alguém que lêsse seu destino na palma da mão, viu que o sonho tinha sido desmentido. Agora restava saber se o sonho se realizaria, ou o destino seria cumprido. O melhor seria acreditar que nada disso era verdade, e eis que entra o segundo personagem, querendo provar acontecimentos com três contos; três contos que passamos a ver com Betty Field e Robert Cummings.

Ela era uma simples costureira, egoísta, sempre aborrecida, tudo contribuindo para que as



de.
da-
ha-
Pro-
stino
des-
rea-
lhor
eis
pro-
ntos
bert
em-
as



suas feições se tornassem cada vez menos agradáveis e ela, que, como todas as mulheres sentia um coração palpitante, não conseguia atrair nem sequer um olhar do rapaz que vivia em seus sonhos. Num último dia de carnaval, instigada por um desconhecido, usou a máscara de uma linda mulher e assim conseguiu a atenção do rapaz, e tão doces foram os momentos furtivos, que a beleza da máscara passou para o seu semblante iluminado pelo amor...

O segundo conto relata a história de um grande homem de negócios que não acreditava em coisas sobrenaturais e muito menos em "bueno-dicha". Mas... acabou cumprindo-se aquilo que o destino tinha marcado em sua vida. Tornou-se um criminoso. Edward G. Robinson é o magnata e Thomas Mitchell o quiromante.

A terceira fantasia gira em torno de um sonho que teve Charles Boyer e no qual ele vê Bárbara Stanwyck, a quem mais tarde vem a conhecer e amar.

"Os Mistérios da Vida" são um filme fora do comum; um filme que toca a sensibilidade dos corações femininos.



NOTAS DE ARTE

(Continuação)



QUANDO FALA A SCIENCIA

Cumpra ouvir-lhe a advertência. A pelle flacida, sem viço, é começo de velhice precoce. O uso do Creme Rugól, em massagens diárias, fortalece os tecidos e envidua a epiderme, porque Rugól se infiltra até às camadas sub-cutâneas, agindo como revitalizador. Com Rugól a pelle se conserva sadia, sem cravos, espinhas, manchas e rugas.

Creme
RUGÓL

ALVIM & FREITAS, LTDA. - S. PAULO

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DÍSPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

Alimenta a pele — Contra
as rugas

A VENDA EM TODA PARTE

seguem entre gargalhadas e gritos, executando uma ronda infernal.

Ha uma sincronização integral entre a música e as dansas. Os sons se fazem gestos e os gestos se tornam sons. A música é dansa e a dansa é música. A SINFONIA FANTÁSTICA é simultaneamente uma sinfonia coreográfica e uma coreografia sinfônica. Berlioz e Massine se identificaram de modo tal que parecem um só autor de dois poemas. Mas a verdade é que toda a beleza e a grandeza do monodrama lírico se concentra na criação musical de Berlioz, criação, que fala mais a imaginação do que ao coração, é verdade, mas que é realmente original e bela. Não esqueceremos também que na Sinfonia Fantástica Berlioz, antes de Wagner criou o leit-motiv: é a melodia da mulher amada que se ouve no decorrer do poema...

Embora todos os artistas tenham dado especial realce aos seus papéis, no monodrama lírico-coreográfico de Berlioz e Massine, nem por isso se deve deixar de mencionar especialmente os nomes de alguns que encarnaram personagens principais. Registremos assim as figuras notáveis da Roman Jasinsky, Tatiana Stepanova, Ana Volkova, Nina Strogorova, Olga Morosova, Tamara Grigorieva, Tatiana Leskova, Marian Ladre, Oleg Tupine, Vladimir Dokoudowky e outros que nos escapam pela dificuldade de identificar os intérpretes que vimos e os seus nomes mencionados no programa.

O público, se deixou correr, com certa e talvez justificada frieza, os primeiros números de SILFIDES. Foi pouco a pouco se aquecendo e acabou aplaudindo com numerosos, incessantes e entusiásticos aplausos não só esse bailado como principalmente — SINFONIA FANTÁSTICA e Baile dos graduados.

A orquestra, bem dirigida pelo maestro Eugene Fuerst foi fator preponderante para o belo êxito da representação.

É de notar-se que o Municipal estava repleto da platéia às galerias.

Na noite de martedita, 3^a.-f., 9 de maio, foram à cena do Municipal em 2^a récita de assinatura da Companhia Basil, os bailados: A ILHA DOS CEIBOS, poema coreográfico em 1 ato de Roman Vinoy Barreto e Vania Psota com musica de Eduardo Fabini; FRANCESCA DA RIMINI, dois atos coreográficos de David Lichine e Henry Clifford, com musica de Tchaikowsky; AS BODAS DA AURORA, 1 ato coreográfico de Pepita e Nijinska, com musica de Tchaikowsky.

A ILHA DOS CEIBOS é uma linda e original fantasia coreográfica. Uma visão de arbustos, flores, pássaros, ventos enchendo o ambiente de movimento e luz, de cores e perfumes, plasmado em seres humanos que no ar volutam como figuras aladas. E a fantasia se desdobra graciosa e leve, encantadora e comunicativa, através dos passos e gestos imponderáveis de musas da dansa como Tatiana Stepanova em Flor, Ana Volkova em o Pássaro, e dançarina de escol como Kenneth Mackenzie, em o Vento, e afinal toda a pleiade de interpretes que encarnaram os outros imaginarios personagens: Oleg Tupine em o Galho; Barsova, Conlon, Caschins, Larkina, Leonidova, Pereyra nas Flores; Golovina, Laernska, Miltonova, Serova Brodcka, Avezedo nas

Tratar
a prisão
de ventre
com

PILULAS DE BRISTOL,

que asseguram uma suave e perfeita limpeza do estomago e intestinos, é o mesmo que renovar estes órgãos, e isto importa em um optimo funcionamento.

BRISTOL

INSTITUTO ABDON LINS

DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina, Do Laboratorio Bacteriologico da Saude Publica, Catedratico da Escola de Medicina e Cirurgia, Docente da Faculdade Nacional de Medicina.

Seção de Análises Clínicas: Exames de sangue, pús, etc. Confecção de vacinas autogenas, etc. (1.º andar)

RUA RODRIGO SILVA, 50
Telefone 22-1885

O "ultra chic"
em esmaltes para unhas!

Peggy Sage

Realça a sua distinção!
Côres originalíssimas...
de extraordinária
permanência!

Tons moderníssimos:

CEREJA • VINTAGE
INCARNAT • SCARLET
VERMELHÃO • HACIENDA
TULIPA • CEREJA NEGRA

Peggy Sage protege...
e dá atração
às suas unhas



Folhas; Thomson, Yurekoff nas Raízes e Andreiev, Celada, Vassilkovsky, Vasquez, Wolff em os Ventos.

FRANCESCA DA RIMINI é a idealização musico-coreográfica do drama real ocorrido na Itália do século XIII. Francesca, filha de Guido de Polenta, senhor de Ravenna, casa-se enganada pelo pai, com o Gianciotti Malatesta, filho do senhor de Rimini, pensando unir-se ao irmão deste, o formoso e gentil Paulo Malatesta. Esposa de Gianciotti, torna-se amante de Paulo: amante real como querem uns amante ideal como afirmam outros. E um dia Gianciotti surpreendendo Paulo em coloquio amoroso com Francesca os mata a ambos, atravessando-lhes os corpos com a mesma espada. Tinham os amantes sido elevados à consumação do incestuoso adultério, após o beijo que se deram ao lerem juntos a história amorosa de Lancelot e Genevieve. Verdadeiro ou falso o romance de Paolo e Francesca, o certo é que o tornou imortal o maior poeta de todos os tempos — DANTE ALIGHIERI. Nem antes nem depois, nenhum artista do verso ou da prosa, dos sons e das formas, atingiu a sublimidade que se encerra nos tercetos eternos do canto 5º do Inferno. Parece que o cantor da Divina Comédia fez do beijo de Paolo e Francesca o mais celebre dos beijos de amor e o mais amoroso de todos os beijos...

Ocorreram-nos espontânea e desordenadamente todas essas idéias, vindo e ouvindo a magnífica interpretação do poema lírico-coreográfico de Tchaikowsky e Lichine, baseado na história romanesca ou

no romance histórico de Paolo e Francesca.

Embora todas notáveis pela perfeição com que os intérpretes se exibiram, é de assinalar-se distintamente a grande cena da leitura do romance de Galeotti, convergindo ao instante supremo do beijo e à morte trágica dos amantes.

A heroína do poema foi a heroína da noite. Lubov Tchernicheva encarnou com raro fulgor a figura de Francesca. A eloquência dos gestos e dos passos, da mímica facial supriu a eloquência verbal. A artista viveu o papel. O público compreendeu-o bastante, ovacionando-a sem cessar, chamando-a só ao tablado e palmeando-a com entusiasmo sem fim. Com ela foram também justamente aplaudidos os outros grandes intérpretes Roman Jasinsky em Paolo e Kenneth Mackenzle em Gianciotti.

AS BODAS DA AURORA é um poema lírico-coreográfico inspirado no conto de Perrault — A bela adormecida, onde se assistem danças em homenagem a Princesa despertada pelo Príncipe Encantador. Um mostruário de jolas onde cintilaram com maior ou menor brilho todos os intérpretes e se distinguiram mais acentuadamente Ana Volkova na 1ª Variação, Geneviève Moulin e Vladimir Dokoudovsky no Pássaro Azul, Vladimir Irman, Marian Ladre e Narcis Matuchak em Os Três Irmãos, e Tatiana Stepanova e Oleg Tupine no "pas de deux" da Princesa Aurora e do Príncipe Encantador.

A orquestra sob a batuta do maestro Eug. Fuerst secundou eficientemente as dançarinas.

A sala do Municipal apresentava o mesmo aspecto da estréia: cheia da platéia às galerias.

OSCAR D'ALVA

ARQUIDUQUE FELIX DA ÁUSTRIA

Foi uma reunião de cunho aristocrático muito apreciada o jantar que os barões de Reininhaus ofereceram, em sua residência, a S. A. Imperial o Arquiduque Felix da Áustria, representante de uma das mais antigas dinastias da velha Europa. Durante o banquete, que teve como convivas expoentes de várias nacionalidades, reinou amistosa cordialidade. Tomaram parte na seleta reunião: o embaixador do Perú e sra. Prado; o embaixador do Chile e sra. Gonzalez Videla; o príncipe e a princesa Czartorsky; o conselheiro da embaixada americana e sra. Simmons; a jornalista Sylvia de Bittencourt; o prof. Fenwick; a condessa Elena Tarnowska; o dr. Otávio Guinle e sra. Guinle; o secretário da embaixada argentina, sr. Rolando Aguirre, e a senhorita Sylvia Regis de Oliveira.

LEIAM FON-FON

Biografia

UN PORTRAIT SANS RETOUCHES — GETULIO VARGAS — PAUL FRISCHAUER — Americ-Edit. — Rio.

A obra notável em que Paul Frischauer traçou, de modo magistral, o perfil do Presidente Vargas, e cuja edição em língua portuguesa cedo se



Presidente Vargas

esgotou, acaba de ser divulgada em francês, em excelente edição da Americ-Edit.

O êxito da edição original ultrapassou a melhor expectativa. Paul Frischauer, um nome ilustre, mundialmente conhecido como autor de expressivas e belas biografias, como «Kavallacs», «Memórias de Madame Du Barry» e outras, teve a feliz oportunidade de, no nosso país, onde agora reside, focalizar uma das figuras de maior relevo e projeção no cenário político do continente americano e do mundo — o Presidente Getulio Vargas.

A obra do eminente escritor teve uma repercussão mundial e, no Brasil, foi acolhida com particular interesse.

Já nos referimos bastante à edição em nossa língua desse grande livro, cuja tradução em francês, bem feita e bem cuidada materialmente, hoje registramos com o nosso, melhor aplauso. A feliz e oportuna iniciativa da Americ-Edit.

Vitrine

AS IRMÃS SOONG — EMILY HAHN — Livraria Martins Editora — São Paulo.

A China de Confúcio, como a China de nossos dias, sempre ofereceu ao mundo o interesse e a atração de uma civilização milenária, cheia de beleza e de experiência.

Não é, porém, a China com os exotismos da sua organização social e os do seu povo que hoje focalizamos neste registro através da obra interessantíssima de Emily Hahn — «As Irmãs Soong», que a Livraria Martins Editora, de São Paulo, acaba de divulgar em excelente edição traduzida por Asdrúbal Mendes Gonçalves. Mas, a grande e bela China dos nossos dias, integrada pelas inspirações mesmas do seu alto espírito nacional no concerto



Madame Chiang Kai-shek

das nações modernas. A China de Sun-Iat-Sen — fundador da República, a China do generalíssimo Chiang-Kai-Chek — o homem-força, o homem-ideia, ação e pensamento da China contemporânea e, também, a das três irmãs Sung, admiráveis como expressão de patriotismo, de inteligência e de fé nos grandiosos destinos da sua pátria.

Emily Hahn com elas conviveu, com elas privou intimamente, estando,

assim, autorizada a nos dar das mesmas o estudo biográfico focalizado em «As Irmãs Soong», apresentando-nos esses interessantes e impressionantes tipos de mulher — cultas e patrióticas — como verdadeiros símbolos humanos da China de hoje.

Literatura

PERFIL DE EUCLYDES E OUTROS PERFIS — GILBERTO FREYRE — Livraria José Olympio Editora — Rio.

O nome ilustre de Gilberto Freyre dispensa quaisquer encomios de apresentação. Sociólogo notável, com uma obra que o coloca, atualmente, entre os nossos maiores escritores, o admirável autor de «Casa-Grande & Senzala», cuja projeção já ultrapassou as fronteiras da nossa atividade cultural, domina, também, com fulgor de inteligência e perfeita segurança de técnica os domínios da atividade literária.

Não nos foi, assim, uma surpresa o seu excelente trabalho — «Perfil de Euclydes e outros perfis» que a José Olympio acaba de divulgar.

Essa fuga do pensador, do sociólogo, aos vastos setores da literatura, caracteriza bem a ductilidade do seu espírito de escólar.

Não podendo confinar essa sua obra no gênero «Biografia», dada a variedade dos trabalhos que apresenta, incluímo-la, sem receio de errar, na literatura geral.

O livro é excelente e lê-se com o maior agrado. Os estudos que nele se incluem encantam pela sua própria variedade, embora Gilberto Freyre, modestamente, faça «blague» quanto às suas qualidades de literato quando diz: «Concordo com os que me acusam de escre-

Romances

LAZARINE — PAUL BOURGET — Americ-Edit. — Rio.

ESCRITOR dos mais notáveis da França de todos os tempos, Paul Bourget, autor de «Lazarine», é um desses espíritos, dessas inteligências formidavelmente esclarecidas e lucidas que em-



Paul Bourget

prestam ao romance de caráter psicológico um brilho invulgar. Sua obra — obra de observação e de análise — é de uma beleza extraordinária e impressionante. O autor admirável de «Le Disciple», de «L'Étape», e de «L'Émigré», obras em que a perquirição psicológica se alia a pesquisas propriamente sociológicas, proporciona-nos, em todas elas, a beleza e a delicadeza do mais encantador espírito francês.

«Lazarine» é um romance que está à altura de todas as grandes criações do fecundo e grande autor de «L'Eau Profonde».

ver mal; com os que lamentam minha fraqueza na arte de composição. Não sou de certo literato — muito menos literato ortodoxamente acadêmico, senhor e voluptuoso da arte de construir convencionalmente bem suas frases.»

OS LIVROS

**DIREÇÃO DE
ELCIAS
LOPES**

Educação & Ensino

HISTÓRIA DO BRASIL
— (Curso Superior) —
MÁRIO DA VEIGA CABRAL — 15ª. ed. —
Empresa «A Noite» —
Livraria Jacinto Editora — Rio.

O professor Mário da Veiga Cabral ocupa posição invulgar nos círculos educacionais e culturais do país pela amplitude mesma da sua projeção.

Ex-diretor do Departamento de Educação Técnico-Profissional da Prefeitura do Distrito Federal, professor-chefe de Geografia no Instituto de



Mário da Veiga Cabral

Educação, membro de vários institutos culturais, nacionais e estrangeiros, o dr. Mário da Veiga Cabral é um trabalhador admirável.

Sua obra didática, volumosa e variada, é o melhor atestado dessa extraordinária capacidade de trabalho.

Consagrando-se, há muito, ao estudo metódico e acurado dos cousos pátrias, a geografia e a história do Brasil sempre lhe mereceram especial e desvelado interesse. E, nesse setor da nossa cultura, seus vastos e sólidos conhecimentos outorgaram-lhe a autoridade de mestre preclaro.

A 15ª. edição da sua excelente «História do Brasil» (curso superior), posta em circulação recentemente, é um trabalho completo, com esmerada apresentação gráfica e copiosamente ilustrado.

Abrangendo todo o amplo cenário da vida histórica nacional, ele estende esse movimentado e variado panorama do período do descobrimento à constituição do Estado Nacional, cujos atos mais notáveis já focaliza, inclusive os referentes à histórica III Reunião de Consulta dos Chefes de Estado Americanos, realizada nesta capital, e a declaração de guerra do governo brasileiro à Alemanha e à Itália.

Uma tábua cronológica dos 5 períodos em que se divide a história do Brasil, seguida da relação dos ministros do 1º Reinado, dos Governos Regenciais, e do 2º Reinado, e, ainda, de nomes de titulares do Império e grandes cultos do pensamento brasileiro, completa esse valioso trabalho que vem dos períodos mais remotos da nossa vida e formação histórica à atualidade dos primeiros dias do ano corrente.

Etnografia

O NEGRO E O GARIMPO EM MINAS-GERAIS —
AIRES DA MATA MACHADO FILHO —
Livraria José Olympio —
Editora.

OS estudos afro-brasileiros veem, de certo tempo a esta parte, merecendo especial atenção dos nossos escritores, contando-se, entre eles, Gilberto Freyre, Arthur Ramos e outros, além de Aires da Mata Machado, o culto autor de «O Negro e o Garimpo em Minas Gerais», obra há pouco editada pela José Olympio e incluída na sua coleção cultural «Documentos Brasileiros».

Estudando, nesse magnífico ensaio, a influência do elemento africano no ciclo da mineração, o ilustrado escritor, dilata, ampla o seu precioso trabalho de investigação filológica, pesquisando o meio social e os usos e costumes que nele maior influência exerceram.

Com material inédito e documentação colhida nas próprias fontes, o trabalho de Aires da Mata Machado, com a amplitude dos temas que focaliza,

História

A IDADE MÉDIA (A Cavalaria e as Cruzadas)
— **IVAN LINS** — Epasa — Rio.

A obra notável de Ivan Lins — «A Idade Média» (a Cavalaria e as Cruzadas) — já está consagrada como uma das expressões mais belas e vigorosas do pensamento e da cultura brasileira de nossos dias.

Pela amplitude do assunto e pelos princípios básicos em que o estruturou seu ilustre autor, esse magnífico volume — trabalho do erudito e de



Ivan Lins

investigador — conceitua-se bem entre as grandes obras da filosofia da história.

Estilo escorreito e clareza de exposição tornam a leitura dessa obra de pensamento e alta cultura atraente e agradável.

Incluída, já em 2ª edição, na magnífica série «Redescobrimiento da Vida», da Epasa, «A Idade Média» é um trabalho que honra o patrimônio cultural de qualquer povo civilizado.

interessa aos nossos sociólogos, filólogos, historiadores, folcloristas, compositores, etc., tal o seu valor como preciosa contribuição cultural.

Estudos Sociais & Econômicos

A GUERRA E A SOCIEDADE INDUSTRIAL —
PETER F. DRUCKEN — Epasa — Rio.

A organização social de amanhã vem preocupando, intensamente, com seria de esperar, os grandes sociólogos, pensadores e economistas de todo o mundo, e, muito particularmente, os das Nações Unidas, que focalizam em numerosas e variadas obras os grandes e complexos problemas de pós-guerra.

«A Guerra e a Sociedade Industrial», do consagrado escritor norte-americano Peter F. Drucken, enquadra-se, conforme indica o seu título, entre os oportunos trabalhos que se destinam a essa série de estudos e que a Epasa publicou, recentemente, em tradução brasileira.

Partindo do princípio de que a guerra atual é a primeira em que a indústria representa a principal força combatente, Drucken entende que a paz futura terá de ser alcançada na própria indústria que constituirá, então, o centro da organização social do mundo.

Ou, por outras palavras, a sociedade beligerante dos nossos dias deverá ter como consequência a sociedade industrial pacífica de amanhã.

A ordem social preconizada pelo escritor americano não será, assim, simples reflexo de um embate trágico de ideologias mas, sim, o resultado natural de um verdadeiro processo sociológico.

Variedades

EDITORIA PAN-AMERICANA

POR motivo de demolição do prédio em que funcionava à Av. Rio Branco, 25, o escritório central da Epasa está, agora, confortavelmente instalado à rua do México, 98-6º, salas 607/8/9. (Edifício Minerva — Esplanada do Castelo)

**MAIOR BRILHO
COM MENOR
TRABALHO!**

**Brasso
dá brilho
AOS METAIS!**



MOLDES "FON-FON"

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º.

publicado no FON-FON de de acôrdo com as seguintes medidas:

Comprimento: do decote da cintura
dos quadris da barra

Circunferencias: do busto da cintura
dos quadris

Medidas do ombro da manga
do punho das costas

Junto a importancia de (em selos de 20 centavos do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME N.º

RUA ESTADO

CIDADE ESTADO

Juntar a importancia de quatro cruzeiros (Cr\$ 4,00) em dinheiro ou em selos de 20 centavos, para entrega a domicilio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — o preço será de três cruzeiros e cinquenta centavos (Cr\$ 3,50)

Toda correspondência deverá ser dirigida para o seguinte endereço:

RUA DA ASSEMBLÉIA, 62 - 1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CAPITAL

**SUPER CÉRA
GOSCH
PARA SOALHOS**

USANDO-A UMA VEZ POR MÊS
TERÁ O SOALHO
SEMPRE BRILHANTE

UM NOTÁVEL MOTOR SUECO PARA BARCOS SALVA-VIDAS

A conhecida empresa sueca, construtora de motores, A. B. Bolinder-Munktel, de Eskilstuna, produziu um motor para barcos de salvamento, de uma construção sumamente interessante e que promete dar bons resultados. Foi feita recentemente uma demonstração perante representantes das autoridades navais suecas, da Direção de Praticagem e de alguns dos principais armadores.

As características deste motor são que ele funciona com uniformidade e eficiência, mesmo quando o barco está cheio d'água e seu volante atua como bomba de sucção. Os modelos anteriores de motores para barcos salva-vidas eram providos, algumas vezes, de cobertas estanques de aço soldado, mas este sistema tinha muitos inconvenientes. A citada empresa sueca construiu, agora, um motor que é completamente impermeável. Trata-se de um motor Diesel standard de 10 HP., do tipo Bolinder de alta velocidade, que consome cerca de 1,8 kgs. de óleo pesado mais barato, por hora, quando desenvolve sua máxima rotação. Quando funciona na capacidade média — dando a um barco de salvamento comum uma velocidade de 5 nós, — o consumo de óleo é consideravelmente menor. Calcula-se que, com uma provisão de 100 kgs. de óleo, se poderá navegar umas 425 milhas náuticas, contando com que parte da distância se faça com mar muito forte, enquanto que, com um motor de gasolina, não se pode navegar mais do que 170 milhas náuticas, com a mesma quantidade de combustível. O motor está provido de arranque com pólvora, disposição introduzida pela empresa, um pouco antes da guerra.

Outra interessante característica deste motor é que seu volante funciona como uma bomba de sucção de grande eficácia, podendo expelir 150 litros por minuto, quando se empregam 3 dos 10 HP., para este fim; se for necessário, esta capacidade pode ser aumentada para o dobro.

Informa-se que os peritos ficaram muito impressionados por este novo modelo de motor para barco salva-vidas e que uma das grandes companhias suecas de navegação, o consórcio Brostroem, já encomendou 30 motores deste tipo. Assim mesmo, declara-se que estes aperfeiçoamentos puderam ser realizados sem aumentos consideráveis no preço do motor.

O PENSAMENTO DAS EVAS...

Um topete atrevido — vistosa
reclame de Gumex — roupas
de saco estilo cubista, sapatos de
sultão. Assim é o meu amor.

Assíduo frequentador do Jockey,
perito na roleta, no bacará, no
póquer, bela voz de barítono que,
dia a dia, mais se celebra nos
sambas mais notáveis... Qualquer
dia irá à América do Norte como
emissário oficial dos morros. Assim
é o meu amor...

No campo, bola aos pés, é o do-
mina. Faz "goals" em chutes ma-
gistrais, agita os colegas, des-
respeita o juiz, zomba da polícia,
mas é sempre o primeiro, o indis-
pensável, o disputado pelos qua-
dros de todos os clubes. Já perdeu
a conta das medalhas e taças que
ganhou. Assim é o meu amor...

Avental e gorros muito brancos
contrastando com a pele bronzeada
de sol. Tem um lindo anel de
grau e numerosa clínica. Assim é
o meu amor...

Exímio dançarino. Nos seus bra-
ços, rodopiando pelos salões, sonho
com um lindo "chevrolet" quan-
do voltar a gasolina, com uma fa-
zenda em S. Paulo, e "week-ends"
em Poços de Caldas, Petropolis e
São Lourenço, além de um ban-
galô em Ipanema ou Leblon... Um
perfeito artista de cinema. Assim
é o meu amor...

Caráter reto, fina educação, co-
ração bonfíssimo, trabalhador, ho-
nesto, corajoso, inteligência bri-
lhante, sólida cultura; músculos de
aço, simpático e sadio. Compre-
ende-me, conhece-me, ama-me. E
o compreendo, eu o amo. Não o
trocaria pelo mais rico e mais po-
deroso dos homens. Ele não me
desprezaria pela mais rica e mais
tentadora das mulheres. Assim é
o meu amor!

As primeiras opiniões que habi-
tam em toda parte, a maioria, po-
rém, nos bairros elegantes — o
"grand-monde" dos "nouveaux
riches"...

Podeis vê-las a qualquer hora,
em quaisquer trajes, sempre ao
par da moda e... da vida alheia.
Tocam piano, são exímias dansa-
rinas, sabem todos os foxes em vo-
ga, conhecem todos os filmes e
todas as peças teatrais, não fal-

tam ao Jockey e enchem, com a
mais santa generosidade, a caixa
de esmolas das igrejas e as mãos
dos "croupiers" dos casinos.

A última tem a aparência co-
mum dos que nada fazem para
chamar a atenção sobre si — são
simples e levam a vida simples,
sem exageros e sem alarde. Têm
idéias, esperanças, ilusões, inteli-
gência, cultura e sensatez. Pas-

sam pela multidão despercebidas
e felizes, indiferentes e rápidas...
Moram, quase sempre, em casas
pobres e levam vida de sacrifícios
e de lutas que visam a realização
dos sonhos mais belos e das em-
presas mais nobres. São criaturas
humanas que passam pelo mundo
sem que o mundo as conheça...

Ainda não houve quem soubesse
compreender a figura de Quasi-
modo e a história do patinho feio...

Agência de Carrolha



Agua Florida MURRAY & LANMAN

dá ao corpo uma delicada fra-
gância, tonifica a cutis e produz
uma deliciosa sensação refrescante.

EM USO NO MUNDO INTEIRO DESDE 1808



BUSTO PERFEITO Hormo Vivos

Produto científico para embelezar os seios
O Hormo Vivos n.º 1 é aconselhado para
os seios pequenos ou flácidos
e o Hormo Vivos n.º 2 para os seios
grandes, volumosos.

Inofensivo à saúde. Absoluta confiança

Páginas da História

A BATALHA DE TUIUTÍ

Pouco antes de meio dia, um foguete de guerra rasgou o espaço. Era o sinal do ataque ao acampamento do exército aliado em Tuiuti. Imediatamente, do quartel general brasileiro partiu o toque de sentido. Responderam-lhe as cornetas dos comandos uruguaio e argentino. E, em poucos momentos, os batalhões ocuparam seus postos de combate.

A proverbial insídia paraguaia preparara terrível golpe contra os aliados, que invadiam a terra de Solano Lopes. O general Bárrios, com perto de nove mil homens, devia, atravessando os bosques, atacar o flanco esquerdo dos invasores, guarnecido pelos brasileiros. Ao mesmo tempo, o coronel Díaz, trazendo cinco mil soldados e quatro obuzes, investiria as posições entre a esquerda e o centro, enquanto os quatro mil e duzentos infantes e cavaleiros de Marcó procurariam romper o centro, composto de orientais e brasileiros. E Resquim, à frente duns seis mil, bateria o flanco direito, onde se achavam os argentinos.

Esse ataque formidável devia começar ao romper do dia. Mas o atraso na marcha das tropas, devido às dificuldades que encontraram na travessia das selvas e dos pantanos somente permitiu que o foguete do general Bruguez, que se achava à frente das reservas, fosse lançado às onze horas e meia da manhã. Os aliados, que pretendiam realizar um reconhecimento geral das posições inimigas, puderam tomar rapidamente as suas armas.

As colunas paraguais caíram de modo fulminante sobre os objetivos que lhes tinham sido designados. Eram vinte e quatro mil homens que atacavam violentamente trinta e dois mil, contrabalançando a diferença de número com a vantagem da surpresa e do conhecimento do terreno. Foi uma luta épica e memorável. A maior batalha campal travada na América do Sul. Uma peleja que durou cinco horas, em que as cargas de cavalaria se sucederam como marteladas, a voz potente da artilharia espantou a solidão dos esteiros, os entreveros mistu-

raram a soldadesca em roumolinhos mortíferos e no corpo a corpo tomaram parte os próprios generais.

Atirando-se contra o flanco direito aliado, os paraguaios de Resquim, desbarataram a cavalaria argentina dos generais Cáceres e Hornos, cujos fugitivos foram parar em Itapirú. Mas os infantes e artilheiros cumpriram seu dever e os atacantes foram repellidos. O general Paunero, batendo-se como um bravo, obrigou-os a buscar refúgio nas selvas e carrizais. E, quando avisado do perigo que cor-



O herói de Tuiuti: general Manoel Luis Osorio — marguês do Herval.

ria aquele ponto, Osorio, que acudia a toda parte, ali apareceu, ouviu as aclamações da vitória.

No flanco esquerdo, a agressão de Bárrios e Díaz não logrou melhor resultado. A terceira divisão brasileira, a *divisão encouraçada*, comandada pelo bravo cearense general Antônio Sampaio, barrou-lhes o passo. "Seus soldados eram como aqueles hoplitas dos combates antigos, que, jungidos por uma cadeia de bronze, não arredavam pé do lugar, os mortos unidos aos vivos!" São oito batalhões de heróis que resistem ao peso de todas as cargas de baloneta e de cavalaria, a todas as descargas, a

todos os impulsos furiosos do adversário no meio das águas alumiadas dos esteiros, entre a fumaceira da peleja, respingados de sangue, as bocas que mordiam os cartuchos sujos de pólvora e cheias de insultos e de blasfêmias contra o inimigo. Sampaio cai mortalmente ferido. Mas eles, reduzidos quasi á metade, continuam a combater. Junto aos bosques do Potreiro Piris, Andrea, Guilherme Xavier de Souza, José Luiz Mena Barreto opõem-se, impávidos, às forças de Bárrios, parte das quais manobra sobre a nossa retaguarda, afim de nos assaltar pelas costas e apoderar-se do parque de munições. O 1.º e o 24.º de voluntários rechassam, porém, os guaranis traiçoeiros e vão pallar a baloneta na escarpa de suas próprias trincheiras, dentro da selva perigosa.

O que se passou no centro foi homérico. Ali estava Flores com os batalhões orientais, a artilharia a cavalo de Mallet, o regimento argentino San Martin. Marcó lançou seus esquadrões e batalhões sobre os uriguaio e o nosso 41.º de voluntários, que recuaram desordenados ao impeto do avanço. A divisão de Vitorino corre a sustentá-los. E as peças de Mallet, em bateria por trás dum fosso, esperam tranquilamente a carga dos cavaleiros rubros.

A cavalaria avança, desenfreada. Ao tropel dos milhares de cascos, a terra estremece. O uivo dos clarins rompe, às vezes, o rumor estrondante do galope. E o sol chispa nas lâminas açacaladas, coroadas de raios os regimentos que carregam... A voz de Mallet desce sobre o seu querido regimento do alto do belo cavalo zebruno:

— Granada e metralha! Espoletas a seis segundos!

A carga vem como um furacão. Está a quinhentos metros das baterias, a duzentos, a cem, a cinquenta! Os artilheiros empalidecem de ansiedade. As mãos dos chefes de peça crispam-se nos cordões das espoletas de detonação. Os oficiais, sófregos, não tiram os olhos do gigantesco e amado comandante, que segue calmamente o ataque com o seu binóculo de



QUINA PETROLEO ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

Fixa o penteado, dá vida
aos cabelos, evitando o
embranquecimento prematuro.

Extingue a caspa e combate
todos os parasitas capilares.

A VENDA EM TODO O BRASIL

campanha. Há mais do que um murmúrio de impaciência no grande regimento. Há uma trepidação. Mallet senta-a. Tira a luneta dos olhos e deixa cair estas palavras sibilantes:

— Os primeiros são para o buraco. Precisamos honrar o fôssco, que nos deu tanto trabalho, amigos! Por aqui eles não passam!

Um suspiro de alívio. Todos compreendem. Todos sentem que o seu coronel sabe bem o que faz. Mas um barbarismo atroz, a velha usança guaraní de ameaçar o inimigo, ganindo, vociferando, estrondando e se avoluma quasi aos seus ouvidos. A cavalaria paraguaia está a catorze metros dos canhões, sabres alçados, lanças sacudidas no ar, os homens sobre os estribos, de pé, todos os clarins esganando-se! Mas as primeiras filas emborcem no fôssco. Embrulham-se homens e cavalos. Há um espernear gemente e louco naquele valado horrível. E o galopar das outras filas pas-

sa por cima daquele solo mole, movediço e ensanguentado. A corneta do comando dá o sinal de fogo. As vinte e oito peças vomitam uma chuva de chamas e de ferro sobre os soldados de Marcó. E a cavalaria de López recua em desordem, dilimada lateralmente pela fuzilaria dos infantis de Flores, enquanto que, erguendo a espada luminosa, Mallet grita, rubro, estuante de alegria:

— Por aqui não entram!

E o regimento inteiro, fremente de entusiasmo, atoa os ares com a antiga aclamação do nosso exército:

— Viva o Imperador!

Os cavaleiros rubros refluem até os arvoredos de Itaiticorá e ali reformam seus esquadrões, repousam minutos e investem a artilharia a cavalo, ainda mais furiosos. De novo galopam e carregam, aos berros, os sabres relampeando. De novo se acercam, como loucos, das baterias brasi-

leiras. De novo, Mallet somente manda fazer fogo quando os esquadrões se engolfam no fôssco que mandara abrir. E de meio dia até quatro horas da tarde, epicamente, dez vezes a coluna de Marcó carrega o *Boi de botas* e dez vezes recua, desbaratada e diminuída, até reduzir-se de três mil homens a quinhentos.

Em frente às baterias, os soldados e cavalos mortos formavam horrendos montões, em que ainda pernas e braços se mexiam, e dos quais saíam gemidos lancinantes. Um ou outro cavalheiro de farda vermelha arrastava-se pela lama ensanguentada. Os vinte e oito canhões estão em silêncio. Serventes e artilheiros limpam o suor do rosto. Os oficiais aproximam-se um pouco para trocar impressões. Entretanto, a batalha continua. Argolo, indo, por ordem de Osorio, em socorro da divisão

(Continua na pág. 54)



BELZEMA

para Eczematide Infantil

● Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



SOB A GRANDE MARQUISE

Maio! Outono suave e lindo da taba de Cari! A terra abre os braços ainda quentes do verão e despeja uma messe de flores pelas matas e jardins. E os crisântemos brancos, as acácias doiradas e as quaresmas roxas bailam entre as nuvens de fumo dos turbidos que incensam a Virgem neste mês de Maria, de canticos e poesia. Como uma revolta contra a inércia do inverno, há um frêmito de vida mais forte, mais belo do que de costume: — é a despedida ao verão... Esse impulso, esse "boom" de energia que se alveja ainda uma vez antes do aniquilamento, é tão sensível na terra quanto no homem; é o "addio giovinezza" bem conhecido dos psicólogos. Balzac o descreveu, magistralmente, na "femme de 30 ans", mas se esqueceu de fazer o estudo paralelo do homem de 40 a 50. Vi o exemplo típico desse estado patológico no sr. X., que passava todo garboso, ao lado da amiga da esposa — da companheira inegavelmente boa, culta e

A estação já favorece a elegância friorenta. As caríssimas "fourrures" vistas no prado fazem crer que o stock de peles no Rio é forte.

Mme. Rodriguez, que ganhou no clássico 9 de Maio um conto de réis, declara que vai comprar uma capinha de "renard bleu" com esse dinheiro. "Mas a que me mostraste custa 8 contos" — disse o marido. E Mme. replica, calma e risonha: "Eu sei, meu filho, mas você dará o resto; se fosse tudo seria pior..."

A dra. Anselma passeia com a srta. Monona, a linda argentina que desceja acompanhar as nossas forças expedicionárias como enfermeira. Com tão bela "nurse" o batalhão inteiro vai querer baixar ao hospital.

Ao longe, na tradicional matriz da Gavea, os sinos tocam Ave-Maria. É a hora da prece do homem a Deus, e da terra ao sol que se apaga num berço de nurens de coloridos "degradés" lem-

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Realiza-se no próximo mês a exposição da miniaturista Izabel de Barros Cruz, pintora que S. Paulo nos deu e nós guardamos, avaramente, proporcionando-lhe o justo preito de admiração a que faz jus. Izabel já expôs com êxito, no Rio e em Petrópolis, e foi a procura que seus quadros tiveram que ela, agora, se adina a apresentar novos trabalhos — aqui, em junho, e na Paulicéia em setembro.

Aos que apreciam a arte na expansão delicada da miniatura, damos a boa nova com prazer.

INSTITUTO CENTRAL DO POVO

O benemérito Instituto Central do Povo, que tem educado milhares de brasileiros pobres, dando um exemplo proveitoso de filantropia,

FON-FON na Sociedade

valorosa que há tantos anos o acompanha. E vi nos olhos dele o tal "boom" ou surto intempestivo da idade crítica que o assaltou inopinadamente, fazendo com que ele buscasse uma aventura como qualquer menino de 15 anos, convencido de que amava pela primeira vez de verdade. E tudo não passava de uma crise da idade perigosa, uma miragem, um "balon". Não se aflija, Madame X; é o tributo que só deixam de pagar os que têm o espírito mais forte do que a carne e o coração formado na escola da constância e da renúncia. Calma; ele voltará arrependido e envergonhado.

Cercada de amigas, a simpática escritora Hecilda Clark é cumprimentada pelo êxito da mensagem que organizou, sob o patrocínio do "Instituto de Cultura Política", e que foi enviada ao Presidente Vargas com mais de 500 assinaturas de mulheres intelectuais do Brasil. Esse manifesto teve grande repercussão no meio feminino culto do país.

brando os véus vaporosos das dançarinas clássicas nas Salomês lascivas.

Miss N.

FESTA DE CARIDADE

Patrocinada pela sra. Henrique Dodsworth e um grupo de sras. distintas da alta sociedade do Brasil, da Bélgica e da França, terá lugar, em julho próximo, uma festa em benefício da Cruz Vermelha desses três países, tendo o auxílio valioso de brilhante elenco de amadores que, pelo valor artístico, são quasi profissionais. Será cantada a opereta "Sinos de Corneville", cuja música antiga mas bonita é sempre ouvida com agrado.

Iniciativa de grande fundo filantrópico, esse espetáculo tem o duplo valor de beneficiar três beneméritas instituições e proporcionar uma noite agradabilíssima aos que forem ao Municipal para assistir.

comemorou, a 13 do corrente, o seu 38º aniversário de atuação útil ao país e aos que a fortuna não favoreceu.

GOULART DE ANDRADE

Ivetta Ribeiro, a dinâmica e inteligente escritora que dirige o Clube das Vitórias Régias, organizou, com elementos daquele Clube, um festival, na A. B. I., em benefício da herma de Goulart de Andrade que será erigida nesta capital. Essa hora de arte e intelectualidade, em que o talento do poeta foi apresentado em todas as facetas do seu brilho, já em poesias, em prosa ou no 3.º ato do drama "Os Inconfidentes", alcançou os comovidos aplausos da assistência, que era toda de amigos ou admiradores do grande morto.

Seu Rosto
sua Alma



PATRICIA MORISON
"Universal"

A beleza serena de um rosto mostra também os estados d'alma que atraem e cativam admiradores... Use diariamente o Leite de Beleza Matary para ter a cutis sempre aveludada e limpa e goze a íntima alegria de sentir-se admirada.

Matary é um preparado científico que preserva a pele contra espinhas, cravos, sardas, panno, brotoejas e qualquer afecção cutânea. Seu perfume suave é delicioso.



LEITE DE BELEZA

Matary

Fabricante: C.C. Benaion.—Manaus-Rio. Distribuidores Gerais no Brasil. A. Bernardino & Cia. Ltda. Manaus, Representante Exclusivo em Rio, S. Paulo e Minas: ANGELO NEVES — Av. Almirante Barroso, 91-6º sala 612.

FON-FON *Journal*

Direção de Hélène

Desenhos de ENAYDE

Gracioso chapéu de feltro verde-claro, guarnecido com fita de cetim fulgurante marrom.

Acompanha o modelo descrito uma bolsa de cetim fulgurante marrom, com o fecho de galalite verde-pistache.

Interessante chapéu de grossa palha bege guarnecido com fita de gorgorão de seda de cor escura.



Nova Estação



Bonito enfeite para a cabeça feito em flores de tons claros e véu engomado.

Vestido de seda azul-hortênsia. Cintura justa, estilo princesa, e corpo e saia drapeados.

Vestido de jersey de seda azul-rei, com recortes e franzidos.



Graciosa vestimenta para menina de 6 a 10 anos, compreendendo saia com peitilho em forma de coração e suspensórios de lã verde-claro bordada a fio de lã de vários tons e usada sobre "sweater" de lã branca.

Saia, com suspensórios ornados de babado franzido, de lã "bois de rose" usado sobre blusa de seda branca.

Bonito modelo para confecção crepon de lã fantasia guardado com crepon branco e ligeiro dado.

Vestido
anos-
necido
fra

Saia
bico
trado

Vestido
branco
tecido

Vestido para menina de 10 a 15 anos, feito em crepon rosa guardado com estremo babadinho franzido e ligeiro bordado.

Saia com largo cós desenhando bico e suspensórios de crepon listrado de vermelho. Blusa de crepon branco.

Vestido de tecido de algodão branco com guarnições do mesmo tecido de côr forte, presas ao ponto de festão.

Modelos Juvenis



Para Chá



Moderno vestido de seda negra com original movimento no corpo e saia. Gola branca.

Vestido de fina lã bege ou cinza. Saia com ligeiras pregas na frente. Corpo inteiramente abotoado com pequenas bolinhas de galalite.

Vestido de jersey de seda negro. Frente do corpo drapeada e transpassada. Larga faixa também drapeada amarrando de um lado.



Vestidos de Passeio

Vestido de seda negra. Corpo recortado, desenhando bico, com fofos na altura do busto.

Modelo para confecção em seda azul-marinho. Corpo justo, estilo princesa, com pano drapeado na altura das cadeiras, transpassado nas costas. Gola e guarnição da frente, brancas.

"Deux-pièces" de seda negra. Saia ligeiramente franzida na frente. Jaqueta com a aba e a pala bordadas em aberto sobre fundo de fustão branco.

Vestido de jersey de seda vermelho-tomate. Corpo recortado de um lado, prendendo franzidos que dão movimento na frente. Frente da saia também franzida.

Modelo para execução em seda negra. Corpo justo de mangas longas. Pano enviesado na cintura, à guisa de abrinha, amarrando nas costas.



Para sair à Tarde

Para a intimidade

Pijama de fina lã azul-claro ornado com pespontos na gola e punhos.

Pijama de seda branca. Blusa com grupos de pregas na frente e gola esporte.

Pijama de seda rosa-pastel. Casquinho com pespontos marcando pestanas.



Saibam todos

DIREÇÃO DE BASTOS PORTELA (YVES)

Moma Genes (Parafba do Norte) — Li, atenciosamente, a sua carta. Li também os seus versos. Devo frisar que, se a senhora morasse aqui, no Rio, de bom gosto lhe daria uma lição de literatura. E nada lhe cobraria por isso... Mas, a senhora está longe — aí para os lados dêsse Norte heroico e glorioso. Nem sequer pode dar um pulinho, aqui, á redação. Que fazer?

O fundo de sua poesia é o amor. Bobageguis amorosas... Convém explorar outros temas. Compreende-se que uma epopéia como *Os Lusíadas*, possa ser posta em versos. A *Divina Comédia* não poderia ser vazada em prosa chula. Mas, briguinhas de namorados roncões, anseios inúteis de corações apaixonados, amorécos medíocres, devem ser resolvidos num franco bate-boca, pelo telefone ou por carta.

Em lugar de escrever, como escreveu:

"Perdôa, mas já não posso suportar esta tua
[metafísica "amizade"]..."

é melhor dizer, sem rodeios: "O' Jonjoca, vamos acabar com isso! Como é? Você casa ou não casa?"

Diz a senhora, no 2º quarteto do seu soneto *Altivez*:

"Eu não devo querer essa tua afeição que si-
[múlas, discretamente], etc. etc...."

Ora, o que é aconselhável, no caso, é um bilhete decisivo, "tranchant", nestes termos bem claros: "A vida está dura. Em vez de "léro-léro", você deve levar a coisa a sério, e tomar uma atitude qualquer. Não posso perder meu tempo com essas tapeações" — P. S. — "Se até a noitinha não me der uma explicação razoável, abarracarei com o Fortunato, que, pelo nome, promete algumas venturas..."

Mas, pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, não escreva mais essas frivolidades, solicitando-nos a cumplicidade alcoviteira de proclamá-las sob forma de versos aleijados, aos quatros ventos da nossa Pátria amada...

Salva-se a sua fotografia — que é a de uma jovem bonita. Para que mais?

Entre a má poesia e a beleza, é preferível ser bela simplesmente, como dizia Baudelaire: — Sois charcante — et tais-toi! (Sê formosa, e cala-te!)

Tristão Morgado (Baía) — O senhor fez uma vasta propaganda de seus versos. Deu a impressão dês-ses cartazes de cinema que apresentam certos filmes (super-produção) e, no fim, depois de uma entrada a 10 cruzeiros por cabeça, a gente compreende que foi espantosamente lograda. Quer dizer, o senhor me blefou.

De seus versos, só o soneto "Distancia, distancia" é bom. E' um belo trabalho. O resto é moxinifada pura. O poema "Maria", que o senhor considera obra-prima, é uma droga. Logo de início, o senhor declara que os olhos (de Maria) foram "roubados ao peito da noite" os dentes "ao peito do dia"...

Ora, se os olhos fossem roubados á cara do sol, os dentes á boca da noite, e os pés ao vento — seria compreensível...

Dizemos: "boca da noite", "olho do sol" e "pé de vento"... Mas o senhor empregou um bombolismo absurdo — que subverteu as rígidas leis da anatomia... de Crónos...

Escreve o senhor, no poema "Espera":

"Espera! Não chores.

A vida não vale teu pranto de cérei.

Que diabo! A sua musa será feita de sêbo?

"Elas" é um soneto mal alinhavado. O soneto "Sombra" "assombra" pelas impropriedades de expressão.

Diz o senhor, claudinando no emprêgo da conjunção quando, antecedendo o verbo reflexivo atirar-se:

"Princesa, os olhos seus já não me ferem quando
atiram-se nos meus, com rigidez de ferro..."

Pensa o senhor que tôda fera, quando se atira á sua vítima, está em estado de rigidez?

O tigre, por exemplo, — que é da família das gatas — é flexível e manhoso como as mulheres... O senhor é um poeta mau observador...

Tereza C. J. (Capital) — Aqui vai o seu bilhete: "Rio, 23-4-944 Sr. Bastos Portela Yves Saudações Venho candidatar-me ao melhor verso da semana. Espero ser aprovada.

Desde já muito agradecida."

Agora a sua poesia "Guerra maldita":

"Maldita sejas ó guerra, por tão má que és
Destruidora dos seres humanos e das coisas belas
Velhaca, que de pouco, a pouco, arrastas o mundo, e
[teus pés]

Parece, que pelo horror e desgraça zelas
Para que? — e quem és tu? pr'a sim fazer
Que, prometendo o mundo, a tôdos melas

Por ti, vão os chefes ao poder
Mas o que por ti pensam, é em vão
Quem está ao teu lado, nunca poderá vencer

O que lhes das? Só destruição
Os que te consentem, não tem piedade
Não têm alma nem coração ..."

Basta! Basta!

Quer que lhe seja franco, D. Terezinha? A maior guerra, no caso, é a que a senhora faz ás regras da gramática.

Enquanto se faz a guerra verdadeira, com impactos, bombas, torpedos e outras máquinas de morte, a senhora guerreia heróicamente a nossa língua com excelentes "batatas"... portuguesas.

E olhe que não é uma guerra barata — atendendo ao preço da tabela nas feiras livres da cidade...

Quanto ao mais, se a senhora é bonita, não faz mal: pode escrever os versos mais hediondos do mundo... Mas se é feia... o crime é imperdoável. A mulher feia só tem o direito de fazer medo aos lobes...

Por isso, desejo-lhe muito talento e beleza...



OS MELHORES VERSOS DA SEMANA IDEAL

De MANCIO TEIXEIRA

*Melhora da Esperança, eu te encontrei, um dia.
No trigal do meu ser... A manhã te dourava...
Eras, talvez, o grão de encantada poesia
cuja seiva de luz dentro em mim germinava.*

*quando o moinho da dor meus sonhos triturava.
Tua espiga, também, cheia de estrelas, moía...
E poeira de cristal para o céu se elevava
E farinha de sol no alto resplandecia!*

*Hoje, vale de outono, eu choro esse tesouro,
Trigo bom do meu ser já não viças nem medras,
Terra morta, crestei minhas sementes de ouro...*

*Melhora da Saudade, éro, um rão, te buscando,
Neste amargo ribeirão de cascalhos e pedras,
Neste lento cunhar de asas mudas, parando.*

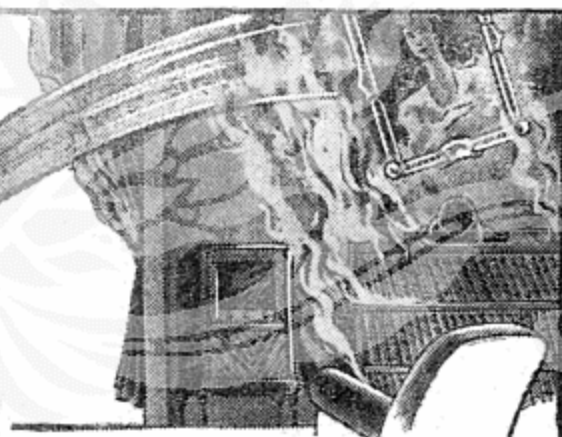
transferido, mais tarde, para a Bahia, afim de estudar medicina, não chegando, porém, a doutorar-se. Ainda na capital paranaense, aos 14 anos, iniciou sua vida jornalística no "Correio de Belém" e no "Diário da Manhã". Ingressou, em 1917, na imprensa baiana, a convite de Carlos Chiacchio, trabalhando sucessivamente no "Democrata", no vespertino "A Cidade" e "Jornal de Notícias". Data daí a publicação dos seus primeiros versos.

Nos fins de 1918 veio para o Rio, iniciando, na metrópole, sua atividade de jornalista profissional, primeiramente na revisão do "O Jornal", depois como redator do "Rio-Jornal", de "A Folha" e de "A Pátria"; secretariou "A Esquerda" e "A Batalha", na primeira fase, quando diretor Leonidas de Resende. E' atualmente redator da "Gazeta de Notícias".

Tem um livro de versos, ainda inédito, lido em 1923, pelo conhecido crítico baiano Carlos Chiacchio. E' desse volume a pequena obra-prima que oferecemos, nesta página aos leitores do FCN-FON.

MANCIO TEIXEIRA, nasceu em 1898 na povoação de Itajuba, município de Curuçá, no Estado do Pará. Filho do professor público Francisco Teixeira e de D. Zeferina de Atayde Monteiro, pertencente a uma antiga família rural da Região do Salgado. Estudou humanidades, em Belém, no Ginásio Pais de Carvalho, tendo-se

*Mostre a
sua espiga*
**QUE O SR. É
UM HOMEM PRECAVIDO**



Sua casa, seus móveis, quadros e tapetes, representam um considerável patrimônio! Um simples curto-circuito poderá ocasionar um incêndio que destruirá em minutos esse patrimônio adquirido talvez através de anos. Faça portanto um seguro na *Segurança Industrial* cuja idoneidade lhe oferece uma total garantia.

Sinistros pagos até
31-12-1943
Cr\$ 127.967.746,40

AVENIDA RIO BRANCO — 137 — Tel. 23-1840 — RIO DE JANEIRO

Segurança Industrial

Procure e encontrará nas
PILULAS DE REUTER
a normalidade das suas funções digestivas.



MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
A VENDA EM TODA PARTE



CONTRA CABELLOS BRANCOS
E QUEDA DOS CABELLOS
JUVENTUDE
ALEXANDRE

Dame Française
Enseigne son idiomme
avec methode facile et
rapide.
Prix moderés
TELEPHONE: 26-3995

PRISÃO do VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS ÍNTESTOS
SEM TORTURA-LOS



A BATALHA DE TUIUTI

(Continuação)

de Sampaio, que caíra mortalmente ferido, determinara a vitória à esquerda do centro. Mas Osório ainda se batia com as forças de Bártios e os argentinos sustentavam o péso dos ataques de Díaz. Marcó lança-se à testa daqueles últimos quinhentos soldados contra a infantaria de Mitre. Mallet vê o movimento e ordena à bateria Krupp (a bateria alemã, de que fala Cunha Matos, no seu artigo do *Jornal do Comércio* de 24 de maio de 1908), do regimento que desfaca aquela operação. Os canhões troam e a sua pontaria magistral faz com que as granadas acompanhem a tropa inimiga, no desenvolvimento de sua carga, como se fossem a sua sombra, caindo peloitões inteiros. Então, os derradeiros esquadrões de Lopez dão meia volta e somem-se no mato." (1)

Ao longo dos albardões, dentro dos pajonais traidores, à beira dos esteiros perfidos, a pugna era formidável. A cavalaria, a pé, batia-se a espada. Osório, de lança em punho, corria à toda parte onde a luta era mais acesa, distribuía reforços, preenchia claros, dirigia, enfim, a batalha, enquanto o general em chefe, Mitre, somente se ocupava com o seu exército. Ele foi a alma do Brasil nesse dia memorável, pairando sobre as tropas ensoopadas em sangue, no meio do esvoaçar das bandeiras rasgadas pelas balas. A brigada ligeira do general Neto lanceava o inimigo e o coronel Amaro Barbosa, à frente de duzentos oficiais transformados em lanceiros, obitava prodígios de valor.

No Potreiro Piris, à nossa retaguarda, as forças de Bártios chocam-se com a divisão de Guilherme Xavier de Souza. Osório faz avançar em seu apoio a brigada de Gomes de Freitas. Dela faz parte o 42º de voluntários paulistas. Um de seus corneteiros, o negro João José de Jesus, caminhava a poucos passos do coronel "repetindo no metal curvo e sonoro as ordens que ele transmitia. O suor aljofrava-lhe a face de azeviche. Uma bala levava-lhe de raspão o quepi branco e ele sorria, mostrando os dentes muito alvos. Mal o batalhão se aproximou da luta formidável, travada à esquerda, do lado do esteiro, os obuseiros trazidos pelos paraguaios e rapidamente assentados no arralal

brasileiro, abriram fogo contra ele. Uma rajada de metralha passou, silvando. Houve gritos de dor e de raiva. As baionetas diminuíram nas fileiras ceifadas. Quatro dos seis corneteiros caíram o chão. E o comandante, do alto do cavalo, agitando a espada, descabelado, uivou como um processo:

— A eles, paulistas! A eles!

Os aços triangulares agalhalaram, rangendo, os bronzes peitos nus dum regimento de índios mansos do Chaco, de saiotas balançando e guritões de couro. Na confusão do horrendo entorever, os rostos tomavam expressões de monfacas... As cornetas calaram-se. O anjo da morte alufara suas vozes para sempre. E o batalhão de voluntários ceifa terreno a um choque brutal da cavalaria... O cavalo do comandante abateu e ele, de pé, lutava como um simples soldado.

— João José! — gritou.

E o corneteiro negro, de um pulo, ao seu lado:

— Pronto!

— Toque avançar!

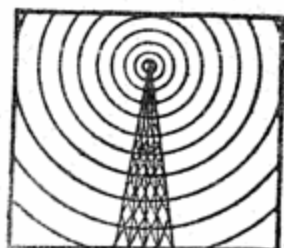
A corneta vibrou no meio do rumor, da confusão, da rumaceira e da poeirada. Vibrou ardente, heróica. E, de repente, Osório, veio de poncho ao vento e lúben em punho, como um semi-deus das batalhas. Um frêmito agitou as linhas desfalcadas do 42. A cavalaria rubra foi repelida à arma branca. Os voluntários trepavam sobre os corpos quentes dos cavalos mortos para melhor ter no rosto os cavaleiros que tomavam em não fugir. Subito, a voz de metal que incitava aqueles valentes parou. O negro soltou um gemido e deixou cair o instrumento. Uma bala quebrara-lhe o braço. Uma chuva de pelouros caiu, silbilando, sobre o 42. Cinco ou seis oficiais tombaram aqui e ali. De todos os lados, nuvens de paraguaios a pé e a cavalo, aproveitando o momento, assaltam os voluntários de S. Paulo. De batalhão, não restam mais, dentro de minutos, do que algumas dezenas de homens em volta do trapo augusto da bandeira imperial... Entre eles, coberto de sangue, a corneta empunhada pelo braço esquerdo, o negro toca de novo — fogo e avançar! De repente, ajoelha-se... Desta feita é uma perna que as balas lhe quebraram. Porém o toque de avançar e fogo continua a vibrar no espaço. Mais uma vez, o vulto de Osório surge entre pontas de baionetas e choupas de lanças que alu-

(1) Gustavo Barroso — *A guerra de Lopez*.

(Conclue na pág. 60)



DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR



Minha opinião

A EMBAIXATRIZ CARMEN MIRANDA E OS
SEUS ILUSTRES DETRATORES...

O confrade Julio Rosen, atualmente na British Broadcasting Corporation, a famosa B. B. C. de Londres, enviou-nos da capital britânica a página que publicamos na anterior edição de FON-FON. Nessas linhas, viivelmente sinceras — Julio Rosen confessou que nunca se interessara, antes, pela figura radiofônica de Carmen Miranda — o distinto correspondente salientou o prestígio da intérprete máxima do samba, não só nos Estados Unidos como também na Inglaterra. Surpreendeu-o essa projeção de estrela, duplamente vitoriosa, nas "duas maiores cidades do mundo". E Rosen teve a nobreza de reconhecer o merecimento extraordinário de Carmen Miranda que, como cantora do gênero popular e estrela do cinema, grangeou nomeada universal para si e (digo-o sem receio) vai grangeando-a para o Brasil, também. Este mérito cabe-lhe, agora, sem contestação.

dor enciclopédico. O mundo inteiro sabe-lhe o nome e conhece-lhe o cognome: "the Brazilian bomb shell". É conveniênter, amigos, que todos brasileiros, apesar do "Z", tem feito muita gente alientena folhear o "mappa-mundi", à procura do Brasil.

...

Salve, embaixatriz Carmen Miranda!

A. Z.



Carmen Miranda

Muito da indústria, deixei meus comentários para hoje. Gostei imensamente da página de Rosen. Carmen Miranda, até hoje, é combatida por uma turma respeitável de infalibilistas arianos... Apesar de todo o seu trabalho precioso de propaganda do Brasil e da gente brasileira, ainda existem "brasileiros" que lhe negam todo mérito. Outros vão mais longe, bisbilhotando particularidades da sua vida: — pegam o seu registro de nascimento e provam que ela é portuguesa; colhem dados biográficos e sustentam sua origem plebéia; escavam suas composições escolares e fundamentam, em tremendos libelos, sua incultura total. E vão procurando fazer cartaz à custa do cartaz da "pequena notável"...

Mas a luz da Verdade resplandece como resplandece a luz do Sol. Carmen Miranda, com aquela simplicidade que brilha nos seus sorrisos e grita nos seus gestos, tem feito por nós, e pelo Brasil, mais do que muito embaixa-

Arí Barroso

Segundo consta, o sr. Arí Barroso está um pouco desiludido com os seus patriotas. Afinal, ser convidado para fazer, em Hollywood, a partitura para um filme chamado "Brasil", é algo de notável para um compositor popular. Permaneceu algum tempo na América, deu entrevistas, escreveu os sambas e voltou. Pensou que, aqui, o esperasse uma recepção idêntica à que foi prestada há alguns anos a Carmen Miranda, que se enchesse a Avenida de povo, e ele, na capota de um automóvel, tivesse as homenagens devidas aos príncipes e heróis. Nada disso. Foi com o trivialismo das coisas sem importância que o famoso embaixador do samba retomou o seu posto à frente dos calouros da Tupi.

Decepcionado com a ingratidão dos "fans", Arí Barroso está disposto a reagir e, para tanto, resolveu dar maior projeção ao seu programa, desdobrando-o em duas audições dominicais. Quem já provou, uma vez, o sabor da popularidade, não tolera o clima morno da indiferença. Arí Barroso anda triste. Há também uma história que o preocupa, figurando o Café Nice como patrocinador da sua viagem aos Estados Unidos... Veneno, puro veneno!

Da nossa parte, continuamos a ver no sr. Arí Barroso um grande homem. Graças a ele, o samba ainda merece certa consideração. Se, ultimamente, não tem apresentado nenhum samba de sucesso espetacular, devemos-lhe "Aquarela do Brasil", uma obra-prima no gênero. É pena que, em vez de bater na tecla enferrujada dos calouros sambeleros, o sr. Arí Barroso não tenha a feliz idéia de

reconquistar os "fans" com as suas obras musicais. Já comentamos na imprensa o desprazer que causa ao "speaker"-compositor ouvir as suas peças interpretadas pelos calouros. Realmente, os sambas de Arí Barroso pedem boas orquestras e vozes bonitas.

Arí Barroso anunciou, há dias, como uma vitória do seu programa, que uma das calouras havia merecido um contrato para atuar num dos cassinos cariocas. Isso não nos parece um verdadeiro triunfo artístico, uma vez que a moça é apenas uma sambista. Também não encontramos nesse fato razões que possam restabelecer a popularidade do compositor. Devia ele aspirar a êxitos mais altos. Não queremos dizer, por exemplo, que descobrisse entre as calouras uma *prima-dona* para o Municipal ou um *violino-spalla* para a Orquestra Sinfônica Brasileira. O seu setor é outro. Mas,



Darcila Barros, brilhante pianista e cantora, um dos elementos que mais valorizam o "cast" da Rádio Nacional.

ao menos, que encontra-se uma boa intérprete para os seus sambas. Depois de Carmen Miranda, não apareceu nenhuma outra com personalidade. Todas são cópias de Carmen Miranda. Isso faz que os compositores populares não alcancem o sucesso desejado, porque, atualmente, todos os sambas parecem iguais, medíocres...

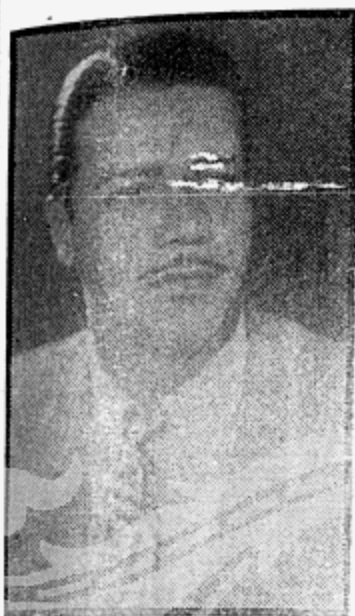
Não sabemos o nome da sambista que vai para o cassino. O futuro dirá a última palavra sobre essa "descoberta" de Arí Barroso. Não somos derrotista nem desprezamos os bons sambas. Tomara que a menina tenha talento!

Não redigimos esta crônica para diminuir nem aumentar as tristezas do sr. Arí Barroso. O nosso intuito foi, somente, subtrair ao medusismo do seu programa de calouros. Vemos nesse compositor qualidades excepcionais de músico. Somos de opinião que deve dedicar-se com mais entusiasmo à composição. Isso de capota de automóvel é ilusão. Não faz falta aos verdadeiros artistas, que amam a arte acima de tudo. A fama, igualmente, precisa ser alimentada com o suor e as lágrimas de quem quer gozar dos seus esplendores. Mas o suor e as lágrimas não devem brotar à descida de um avião, porque a Avenida está vazia. São fecundos quando o artista, no silêncio da noite, recebe os flúidos da inspiração. Encarando os fatos sob o prisma da filosofia da arte, o sr. Arí Barroso é o indivíduo mais teimoso que conhecemos.

MAG.

20-5-1944

RA'DIO-ATUALIDADES



Darcy Rezende é um dos jovens e futuros intérpretes da nossa música popular. Tornou-se conhecido através do veterano "Programa Casé", na PRA-9.

1 — A obra de Maciel Pinheiro na PRD-5, Radiodifusora da Prefeitura, é digna de todos os louvores. A radiofonia oficial tem, nesse espírito esclarecido, um servidor benemérito. Focalizaremos nestas páginas, oportunamente, as iniciativas meritórias de Maciel Pinheiro, em prol do "broadcasting" brasileiro.

2 — Maria Helena, a simpática locutora que se revelou ao microfone da Nacional, onde apresentava novelas com Aurélio de Andrade, terminou seu contrato com a Standard. E foi contratada pela Mayrink Veiga.

3 — Paulo Neto continua apresentando, com o êxito de sempre, o seu apreciado "Programa Graça", na Rádio Guanabara, todos os domingos, das 17.50 às 19 horas. Ali está uma das melhores atrações da emissora dos Man...

4 — Cláudio Mancini, um dos melhores locutores da radiofonia carioca, é o "speaker"-chefe da poderosa Rádio Tamoi, sob a direção-artística de Fernando Lobo. Mancini é médico... Sabiam?

5 — Sagrator de Scuvero tem sabido manter em nível dignificante os seus programas na PRA-9. E "O Mundo não vale o seu lar" continua sendo, sem favor, um título

de honra para a carreira da prestigiosa "rádio-woman" da Mayrink Veiga.

6 — Laura Borges, com a sua famosa "PRK-20", na Rádio Clube do Brasil, aumentou sua popularidade de humorista, com por cento radiôfonico. Já ouvimos várias "charges" de saber notabilíssimo... Ésse Laura Borges!

7 — Um dos astros da Rádio Vera Cruz é o distinto locutor Homero Lima. Sem qualquer pretensão, sua atuação atrai sempre nos ouvintes da PRK-2.

8 — Segundo o help nas vozes radiôfonicas, o amigo locutor Ruy Costa não edita vários progra-



Tamar Segura, cantora de classe, atuou em várias emissoras do Rio, com êxito crescente. Continua aprimorando os seus dotes artísticos, e não será de estranhar que surja, brevemente, numa das nossas melhores estações.

nas. Uma boa iniciativa de Dermal Costalina, porque Ruy Costa é um escritor de talento. Em tempo: Ruy Costa é o mesmo J. Ruy que escreveu "O homem que chutou a consciência", peça que a Companhia Jaime Costa representou com sucesso...

9 — Ataulfo Alves e suas Pastoras não renovarão seu contrato com a Transmissora, conforme declarações do autor de "Amélia" e tantos outros sucessos da música popular. Trata-se de um excelente conjunto.

10 — Reynaldo Costa, um locutor ainda muito jovem, já está vitorioso: é um dos mais completos "speakers" da Rádio Nacional. E vai longe...

11 — Aldo Silva, locutor da Cruzzeiro do Sul e secretário do dr. Enas Machado de Assis, diretor da Divisão de Rádio do DIP, está no Paraná. E prometeu enviar notícias interessantes para os leitores de FON-FON, sobre a radiofonia paranaense.

12 — René Cavé tem sido incansável, no afã de proporcionar bons programas de música de classe aos ouvintes da PRA-2, do Ministério da Educação. Quem é bom já na se feito...

13 — Já está no ar a Rádio Panamericana, de São Paulo. O fato merece registro especial, porque essa emissora será, dentro de algum tempo, uma das mais queridas de todo o Brasil. Oduvaldo Vianna, seu diretor-geral, traçou-lhe as diretrizes com pulso firme. E todos conhecem muito bem o valor excepcional desse homem admirável, em todos os setores em que empregue sua capacidade realizadora. FON-FON envia seus parabéns aos ouvintes de São Paulo e de todo o território brasileiro.



Arlindo Costa, o querido ator da companhia "Eva e Seus Comediantes", em franco sucesso no Teatro Serrador, pretende aderir ao rádio-teatro, segundo nos informam. Mas não prejudicará, de modo algum, a sua carreira teatral: fará uma conciliação em grande estilo...

"Que terei feito para perder
o Amor de Meu Marido?"



O destino inexorável das "jovens espósas... envelhecidas"

A mulher acha-se exposta a pequenos males que, desprezados, se agravam, resultando em frieza e indisposição para os prazeres da vida, tornando-a, enfim, "uma jovem espósa... envelhecida". Reaja! Consulte seu médico: mostrar-lhe-á a necessidade de fazer, todos os dias, a higiene íntima com Lysoform. Tem efeito descongestionante, resolutivo e preservativo, extermina germes e parasitas, reduz o excesso de secreções, elimina pruridos e irritações, preserva de contágios e infecções, lava, limpa e desodoriza inteiramente, fazendo a higiene feminina completa. Não é tóxico, cáustico ou irritante, não mancha, nem descora a pele ou a roupa. Evite ser uma "jovem espósa... envelhecida". É bastante fazer de Lysoform, o fiel protetor de sua saúde, beleza e mocidade.



LABORATÓRIOS LYSOFORM S. A.
S. Paulo — Rua Taquari, 1338
Rio — Rua do Lavradão, 70-A

ANTISSÉPTICO E DESODORANTE
AROMATIZADO

LYSOFORM

— Empregado pelos Ginecologistas da
América e da Europa

PANAM

Teia de luz

A' grandesa anímica de Carlos Maranhão

Circumvagando o olhar na terra em que se vive
de pobres emoções, insufla o meu anseio:
e em êxtase, trilhando um luminoso aclave,
num infinito oceano etereo devaneio...

E domino a amplidão com meu olhar arguto,
interpenetro a luz e a materia mais densa
e me torno senhor, no espaço de um minuto,
de tudo quanto aqui apenas mal se pensa.

A boiar no esplendor longinquo do Universo
as relações gerais das coisas recomponho:
e confirmo a verdade espalhada em meu verso,
e deparo a ventura entrevista em meu sonho!

E, ao tempo em que da minha angustia me resgato,
descubro, em percussões vibrantes e felizes,
da suprema bondade o sentido mais lato,
da indefetivel fôrma as linhas diretrizes...

Da eterna humana marcha evolutiva alcanço
os marcos na distancia e, aflito, ergo o meu plêro:
mas é em vão que reluto e persisto e me consolo:
de tudo que entrevejo apenas fica o espêctro!...

Hei de esperar que chegue o entresenhado dia
da fraternização da Ciência e da Riqueza;
hei de esperar que o Poeta encontre outra harmonia
na integralização dos homens na Beleza!

Rio, 25-4-44

M. C. Guimarães Moraes

Oração ao Sol

Sol...

Bendito seja o Sol.
Bendita a sua luz vivificante,
Que fertiliza a Terra e a Natureza
Numa infinita e perenal beleza
Deslumbrante.

Sol...

Abençoado seja eternamente
Desde o alvor do levante á luz do poente...

Sol...

Calor da Vida... Animação da Vida!
Alegria e prazer... Jovialidade!
Grandeza imensa... Criação florida...
Fé... Harmonia... Amor... Felicidade!

Sol...

Vida eterna e fecunda... Vida forte!
Calor é a Vida. Frialdade é a Morte!

Sol...

Louvado seja o Sol
Em tôdo encanto raro que ãle encerra!

Sol...

Olhar de Deus luzindo sôbre a Terra
Desde o clarão da aurora ao arrebol.

Bendito seja o Sol... Bendita seja
A sua luz divina e benfazeja!

Sol: — Eu não quero nunca o teu "Adeus"!
Tú és a vida eterna: tú és Deus!...

SAMPAIO JUNIOR

o Modelo da Semana



Qual é o seu Problema DE BELEZA?



Espinhas
Cravos
Manchas
Sardas
Cutis
cansada
Rugas

Tudo isso se corrige com "Cêra Mergolizada" (Mergolized Wax), que vale por um tratamento de beleza. Cêra Mergolizada faz surgir a nova cutis que existe sob a sua pele atual. Faça uma experiencia ainda hoje.

PELOS SUPERFLUOS. — Os depilatorios irritantes e as navalhas oferecem perigo e nunca devem ser empregados para eliminar os pelos que tanto afeiam. Um metodo seguro é aplicar Porlac pulverizado. Extirpa os pelos sem causar a mais leve irritação, deixando a cutis suave e fresca.

Cêra Mergolizada
CONSERVA SUA CUTIS

Bella e Fresca

DR. CLOVIS DE ALMEIDA

(Cirurgião da Assistência
Municipal)

**CIRURGIA GERAL — VIAS
URINÁRIAS**

Rins — Bexiga — Próstatas —
Útero — Ovários

— **CIRURGIA ABDOMINAL** —

Cons.: PRAÇA FLORIANO, 55

6.º and. Fone: 42-8326

Terças — Quintas — Sábados
das 16 às 19

Residência: 25 - 0802

PEGGY RYAN, a insinuante artista da Universal, oferece hoje, às leitoras de FON-FON, este original modelo, cujos moldes, cortados pelo método «Toutemode», em maquinim 44, acham-se publicados no suplemento anexo de FON-FON



Dorme, nenê...

E o nenê repousa tranqüilo, satisfeito, porque a sua mãezinha sabe velar pela sua saúde, dando-lhe Melkalcinado. O bebê feliz é o bebê robusto e sempre "boinzinho". Melkalcinado dá saúde ao bebê, pois contém o cálcio tão necessário à formação dos dentes e dos ossos, fósforo, magnésio e iodo, indispensáveis ao crescimento e para estimular a nutrição. Melkalcinado é "gostoso" que nem é só. Quando quiser que o bebê sorria, dê-lhe uma colherinha de Melkalcinado.



Melkalcinado

miam ao sol. Ressoam clarins. Os paraguaios não resistem ao seu ataque. Fogem desmoralizados, perseguidos pelos lanceiros, e as relíquias do 42 são salvas. Uma das últimas balas do inimigo vencido vara o peito do corneteiro. João José vê as fardas encarnadas que se retiram e as fardas azues que as perseguem, avista o general idolatrado, que galopa de poncho ao vento e tudo compreende. Leva aos lábios ensanguentados a corneta e morre, tocando a marcha batida da vitória. (2)

Entardece. Ao rugir do canhão, sucede o clangor das cornetas e clarins, e o som das bandas de música anuncia o triunfo. A derrota paraguaia era completa, como declarou Resquin, chefe do estado maior de López e comandante duma das colunas atacantes. Doze mil destes, entre mortos e feridos, juncavam o campo de batalha, que "ficou repugnante — diz Palleja — cheio de cadáveres mutilados e cavalos

(2) Gustavo Barroso — *A Guerra de López.*

A BATALHA DE TUITI

(Conclusão)

estripados". O exército de Lódez fôra destruído, declara Thompson, e o seu poderio militar para sempre arruinado, lamenta O'Leary. Dêsse "completo desastre", na opinião de Juansilvano Godoi, em que a "raza espanhola del Paraguay fué aniquilada", graças à apatia do general em chefe argentino não obtivemos as vantagens que poderíamos obter. Coube-nos nele, porém, não só o maior esforço, como confessou Mitre, oficialmente, mas a maior glória. E é esta que comemoramos nesta grande data. (3)

Entretanto, acerca dessa batalha, aqui sucintamente descrita, um agente paraguaio na Europa, durante a campanha, Cayo Miltos, escrevia o seguinte num folheto "Guerre du Paraguay — Menson-

(3) Lido no Clube dos Bandeirantes, em 24 de maio de 1930, no almoço dos veteranos do Paraguai, presidido pelos ministros da Guerra e da Marinha.

ge et verité", editado por Dentu, em 1867:

"Le 24 mai fut une des journées les plus sanglantes de toute la guerre. La bataille commença à midi, par une attaque générale des paraguayens, et dura jusqu'au soir. Les Alliés, qui étaient sortis de leurs retranchements pour attaquer aux-mêmes, y furent rejetés en désordre et avec des pertes considérables".

Esse foi um precursor de O'Leary...

GUSTAVO BARROSO

(Do livro *O Brasil em face do Prata*)

NA SUÉCIA, 78 POR CENTO DOS HOMENS E MAIS OU MENOS 15 POR CENTO DAS MULHERES SÃO FUMANTES

O bloqueio marítimo tornou necessário um racionamento bastante severo do fumo na Suécia. Durante os últimos meses, a ração tem sido um tanto maior e, atualmente, equivale a uns dez cigarros diários para os homens e cinco para as mulheres. Além disso, as pessoas que fumam muito obtêm rações suplementares.

Grças ao racionamento, puderam ser conhecidos alguns dados estatísticos interessantes relativos ao número de fumantes. Verificou-se que uns 78 por cento dos homens são fumantes, enquanto que, no que se refere às mulheres, o número correspondente é de 15 por cento, apenas; esta última cifra, contudo, é muito favorável para ser verdadeira, pois que muitas mulheres desistiram de suas rações de tabaco para obter café. As que fumam demasiado — quer dizer, aquelas que solicitaram rações extraordinárias — atingem 45 por mil, entre os homens, e a 1 por mil, entre as mulheres.

O racionamento do fumo, do café e do chá, na Suécia, foi organizado de maneira que os fumantes que tiram a ração completa de fumo não obtêm café ou chá: se se contentam com meio cartão de racionamento de fumo, recebem meia ração de café ou chá. Graças a este sistema, muitos que fumavam pouco abandonaram o fumo e é um fato que o número de fumantes diminuiu durante a guerra. O número de cartões de racionamento de fumo, atualmente em circulação, é de uns 2.000.000, o que indica uma queda de 130.000, aproximadamente, em dois anos. As mulheres foram as que desistiram em primeiro lugar da nicotina, em favor do café. O que foi acima dito somente afirma o fato bem conhecido de que os suecos são muito afeiçoados ao café, sendo os maiores consumidores deste artigo, em tempos normais. Em meados de outubro de 1943, todavia, os fumantes suecos receberam a grata notícia de que, também eles, iriam ter uma ração de 250 grs. de café e, além disso, uma ração para o Natal, pois que a chegada de alguns grandes carregamentos do Brasil permitira uma distribuição mais generosa.

CULINÁRIA

DE

BOM GOSTO



SOPA SEPTANEJA :— Ponha num caldeirão 1 rabada partida em pedaços e faça tostar com maneteca e cebola picadinha. Junte 2 cenouras, 1 alho-poró, cheiro, sal, e cubra com água. Deixe cozinhar lentamente, até que a rabada fique se desmanchando. Retire a carne da rabada, desfie e guarde. Passe o caldo pela peneira, torne a juntar a rabada, 1 cálice de vinho e sirva-a quente.

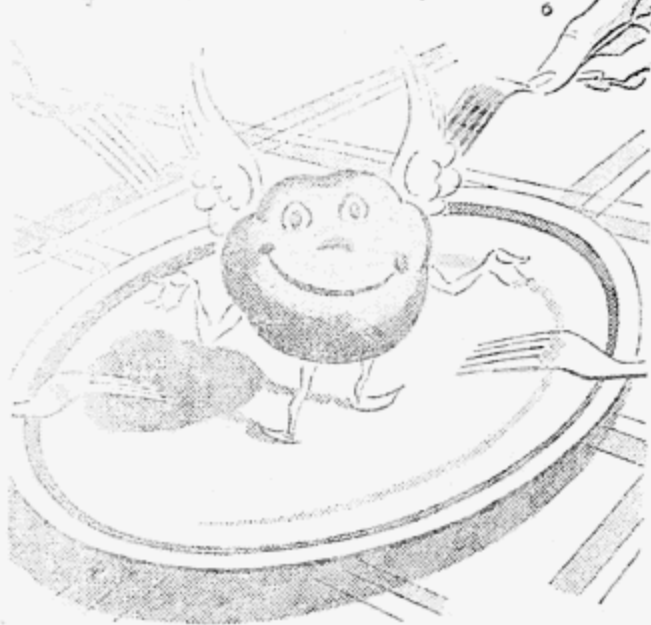
SANDWICH DE SARDINHA :— Bata muito bem 2 gemas frescas, junte 1 colherinha de sal e vá juntando 1/2 xícara de azeite, de melhor, gota a gota e sempre batendo fortemente com o batedor. Adicione então 1/2 colher de caldo de limão e continue a bater, deixando azeite, sempre por um fio, até ter empregado outra 1/2 xícara. Junte, batendo sempre, 1 colher de molho de tomate e um pouquinho de mostarda ou molho inglês. Se ficar muito mole, continue a bater, juntando mais um pouco de azeite. A este molho de mayonnaise misturam-se as sardinhas de duas latas, depois de desmanchadas. Deite esta massa sobre fatias de pão branco, de forma, cortadas no formato desejado. Enfeite os sandwiches, com azeitonas picadas e pepinos de conserva.

BATATAS ASSADAS :— Escolha 12 batatas grandes, passe-as na água, enxugue-as bem e leve-as a assar no forno. Estando assadas, descasque-as, corte os dois lados para que fiquem de pé, como se fossem potes, e com uma colher pequena retire um pouco da polpa do centro, sem que prejudique o feitiço das batatas. Amasse essa polpa retirada, com manteiga, 2 gemas cruas, 1 pitada de sal e outra de noz-moscada. Encha os buracos feitos nas batatas com uma pitada de sal e casca de limão e bote como suspiro sobre as batatas, levando-as a dourar no forno.

CAMARÕES EMPANADOS :— Lave bem 3 dúzias de camarões grandes e deixe-os a ferver por 2 a 3 minutos; passe-os após em água fria e descasque-os. Depois de batido 1 ovo e misturado a 1 colher de água e 1 colherinha de sal, mergulhe nele os camarões,

AS FRITURAS FICAM TÃO LEVES QUE

"VOAM" DA MESA!



Fabricado por processo de refinação completa, o Óleo "A PATRÃO" pode ser esquentado a temperatura que permite fazer perfeitas frituras, sem encharcar os alimentos.

As frituras ficam digeríveis, enxutas e leves — tão leves que «voam» da mesa... para delícia de todos os paladares!

Ao mesmo tempo, o Óleo "A PATRÃO" é extremamente econômico: não fuma, não queima e não toma o gosto dos alimentos. Por isto a mesma porção de óleo pode ser usada várias vezes! Use-o sempre!



ÓLEO **A Patrão**

UM PRODUTO DA Swift do Brasil

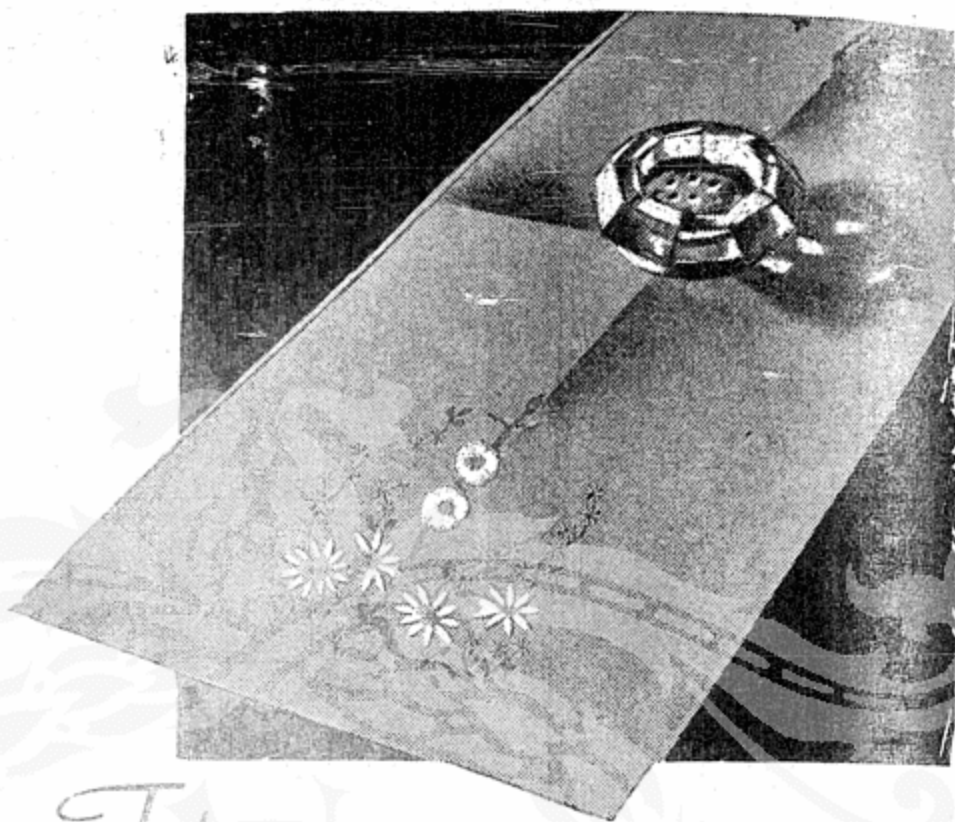
HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

passando-os depois em farinha de rosca e então frite em gordura bem quente. Sirva com um prato de legumes feitos na manteiga.

FATIAS DE PEIXE COM QUEIJO :— Cozinhe um peixe grande, de carne tenra e pouca espinha, em água, temperos bastante manteiga. De vez em

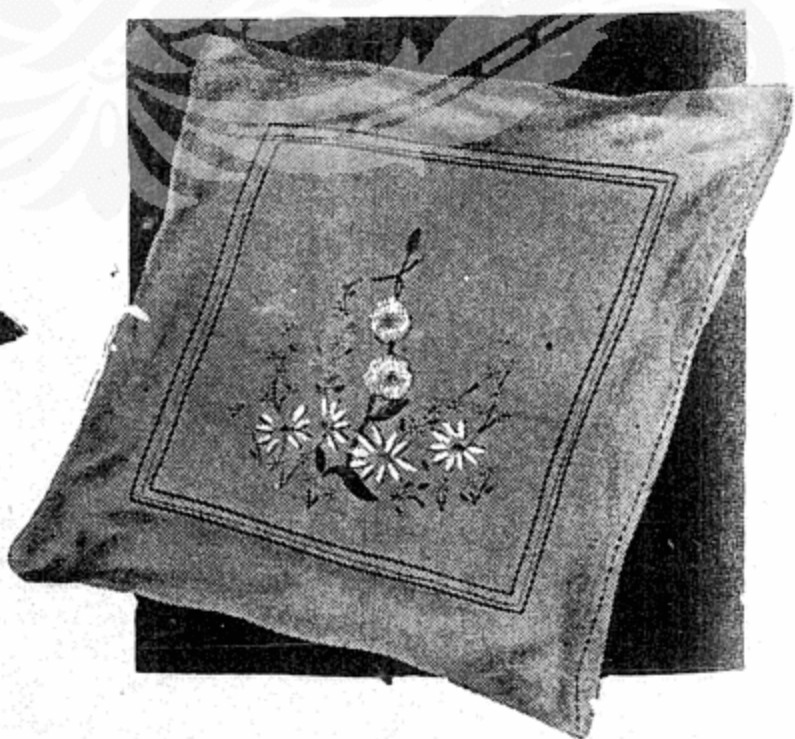
quando regue-o com colheradas desse cado. Depois de perfeitamente cozido, corte-o em postas grossas e iguais. Coloque-as sobre fatias quadradas de pão torrado. Cubra com um creme feito de queijo picado, derretido em 2 colheres de manteiga e 3 colheres de leite. Sirva imediatamente e bem quente.

ALEGRE grupo de flores campestres garante os trabalhos destas páginas. Um caminho de mesa, bolsa para trabalhos e uma almofada quadrada. Na mesma página publicamos uma parte do bordado em tamanho de execução. O material adequado deve ser qualquer fazenda grossa e lavável, em cinza, bege e etc.



Flores.

Campestres





O centro de mesa leva o risco nas extremidades, composto de 4 dalias, 2 papoulas e pequenas margaridas. As pétalas das dalias são feitas em ponto «espinha de peixe», em vários tons de salmon, e o centro em ponto de nó marrom. O contorno das papoulas é feito em ponto artístico em tons de vermelho.

As margaridas em ponto de laçada em vários tons de amarelo. Haste e folhas em dois tons de verde. Dentro de um quadrado formado por 3 carreiras de ponto de haste em marrom, laranja e amarelo, deve ser aplicado o risco da almofada, sendo bordado como nos outros trabalhos. Cobrindo a maior parte da superfície da bolsa, borda-se o risco de flores campestres. Pode ser bordado em um dos lados ou em ambos.

No suplemento pode ser encontrado o risco para estes trabalhos.

20-5-1944

PHENOMENO



E' O GRANDE E ANTIGO SEGREDO QUE TORNA LINDOS OS CABELLOS

PERFUMARIA TARRÉ
R.Visc. DO RIO BRANCO, 60-RIO-



ACIDO URICO



REUMATISMO



ARTRITISMO



GOTA

LYTOPHAN

EM TUBOS DE 20 COMPRIMIDOS

DROGARIA ARAUJO FREITAS & CIA.

Rua Miguel Couto n.º 38 — Rio de Janeiro

FON - FON

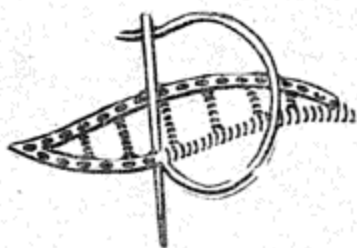
— 63 —



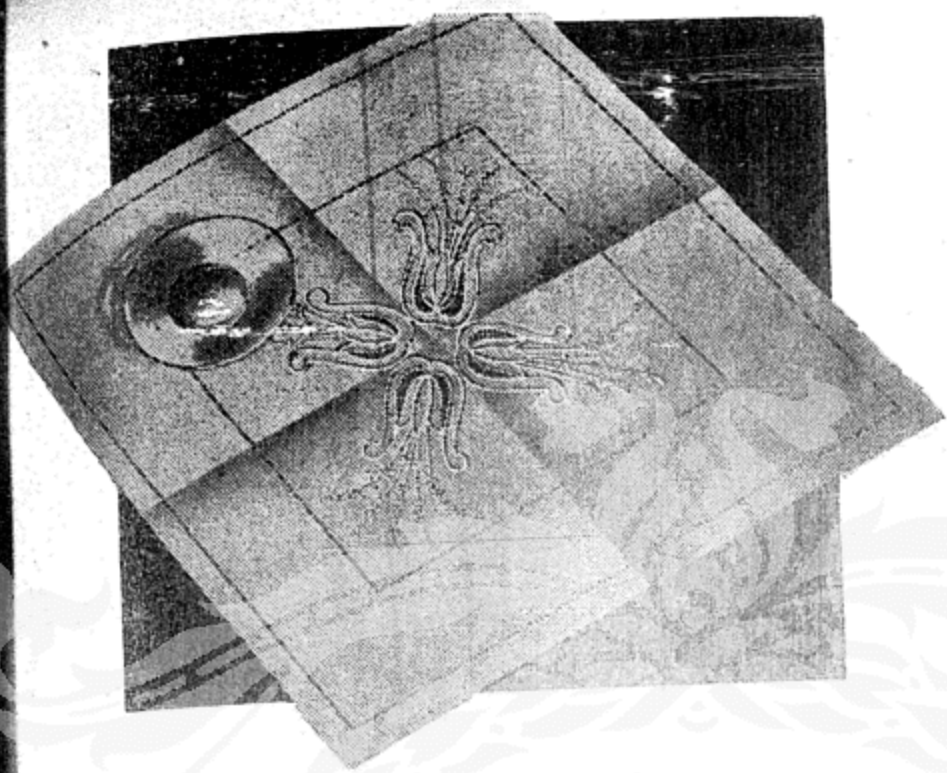
Bordado



"Richelieu,"

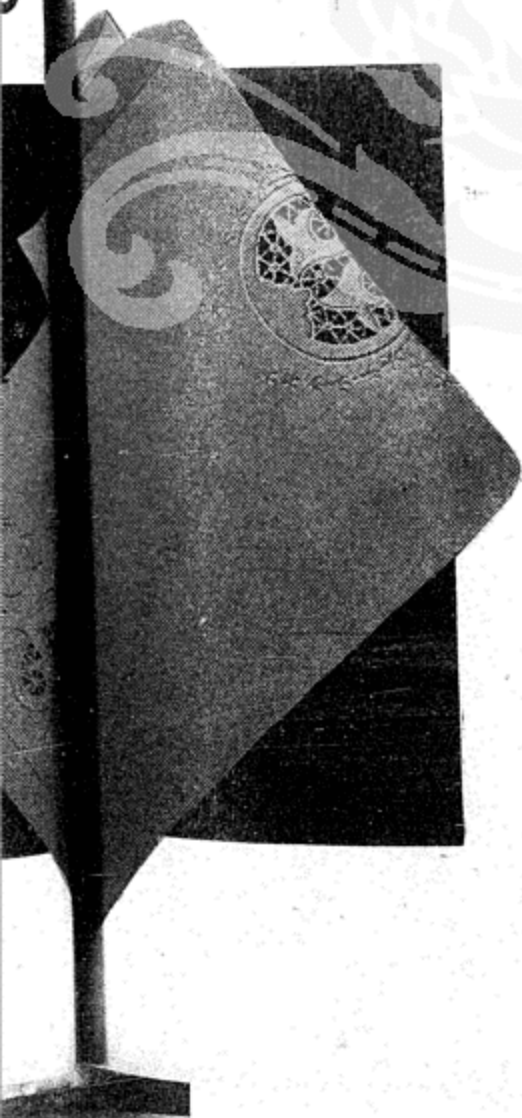


TOALHA quadrada ou retangular do tamanho que se desejar, os respectivos guardanapos, um caminho de mesa e uma pequena toalha quadrada são os trabalhos que publicamos nestas páginas. E' indispensável, para maior realce do bordado, que o material seja linho, branco, azul forte, creme, fraire ou beije



queimado. O bordado é executado, em todos os casos, com linha branca mercerizada. Os cantos da toalha são formados por arabescos e uma grande flor, tendo no centro galhos de pequenas margaridas. Para os lados pode ser repetido quantas vezes for necessário, o arabesco que se vê na gravura. Os guardanapos levam apenas em um dos cantos um arabesco em ponto menor. O caminho de mesa tem nas extremidades os riscos laterais da toalha e no centro um medalhão com uma guirlanda de margaridas. A elegante toalha quadrada para colocar sobre uma mesa com algum objeto de adorno, leva no centro quatro flores viradas para a extremidade.

Este interessante risco pode ser encontrado no suplemento desta revista.




Qual a sua Idade?

A de sua cabeça!...
Ninguém é mais jovem
que seus próprios cabelos... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opáco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cincoenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO DE BARRY, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvicie.

Em todas as idades — da infancia á velhice — TRICÓFERO DE BARRY é recommendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero de BARRY



CARIOCA NIGHTS

Fred Feld é o pianista que dirige o ritmo do "Mid-Night", a "boite" do Copacabana. Tendo estudado no Conservatório de Música da Califórnia, apesar de jovem, já percorreu todos os países da América Latina, com exceção da Venezuela, sendo que de todos esses países sul-americanos o que mais lhe agradou foi o Brasil, onde se encontra há um ano e meio. Devido às dificuldades da vida, viu-se obrigado a abandonar a música clássica pela ligeira, dedicando-se a esta última e adquirindo personalidade quando seus dedos percorrem o teclado. De passagem por Hollywood, tocou por algum tempo em um de seus inúmeros estúdios, sem entretanto -ser efetivado. Atualmente, efetivo do Copacabana, ao lado do contra-baixo, bateria e 2º piano, deleita os dançarinos daquela "boite" romântica. Muito solícito e delicado, Freddy espalha pelo ambiente um destile de músicas populares norte-americanas de seu repertório amplo e sempre renovado.



NO ATLANTICO

Que acha do novo Casino Atlantico?

— Posso falar com franqueza?...

— Claro! O cronista deu-nos a liberdade de pensamento.

— Levando-se em conta todas as reformas, creio que está bem melhor.

— Sim, mas não-deixa de ter seus pontos fracos. A "pista", por exemplo, acha que está melhor assim sobressalente?

— Para a apresentação de "shows" está boa, mas para dançar... E, depois, reparou como a iluminação está forte?

— É verdade. Há também umas enormes cortinas que chegam até a atrapalhar a visão de algumas pessoas que se sentam lá em cima...

— Bem, são cousas secundárias... As decorações são simples, acolhedoras e alegres. As orquestras estão boas. Quanto ao resto...

— Já sei: depende de gosto...

Em sua reabertura o Atlantico trouxe-nos as vozes portenhas de Hugo del Carril e Juan Daniel, enquanto se preparava o "show" — Cidade Maravilhosa — transformando, paradoxalmente, como por encanto (ou por canto apenas) as noites cariocas em noites argentinas. Muitos aplausos foram levados até o seu "grill", pelos amantes do tango, a esses dois nomes do país irmão, que, brilhantemente, conquistaram a simpatia do público copacabanense.

Agora, sob a orientação das mãos mágicas de Ziembskiy, o "palácio encantado" condensa em seu pequeno palco, uma infinidade de aspectos colhidos dentro desta nossa "Cidade Maravilhosa", tornando-se como que um espelho milagroso que reflete em cores vivas as cenas mais interessantes e pitorescas da cidade-mulher...

"Cartões Postais" — o primeiro quadro — serve de introdução a esse espetáculo, fazendo desfilar ante nossos olhos algumas paisagens do Rio, cuja descrição é feita por um locutor de boa dicção, mas que não convence devido à falta de espontaneidade, percebendo-se-lhe os gestos previamente estudados...

Comentar detalhadamente esse "show", seria quasi impossível, dentro do curto espaço de que dispomos. Todavia, faremos um resumo geral, mostrando as nossas impressões e prometendo tornar ao assunto.

A cenografia está boa e bem variada, fortemente realçada pelos efeitos de luz, consideravelmente melhorados notando-se, entretanto, falhas lamentáveis em seu controle.

As "muchachas" do Teatro Colon, de Buenos Aires, com mais algumas pequenas de outras nacionalidades, formam o Atlantico "ballet", que nos apresentam alguns bailados originais e interessantes. Salienta-se que não ha solistas, destacando-se todos em conjunto. Há bailados isolados, mas todos desfilam pelo palco, oferecendo números diferentes.

Os "Namorados da Lua", foram a revelação da noite. São sete rapazes jovens que, dentro de um ritmo sem falhas, dominam completamente a platéia que os aplaude incessantemente. Esse conjunto interpreta as musicas de Noel Rosa, cujo papel é interpretado por Paulo, outro jovem talento possuidor de boa voz.

E assim, podemos estender os nossos parabéns ao Casino Atlantico e a Ziembskiy, pois seus esforços foram coroados de êxito.

Entretanto, deve-se notar que o "show" leva quasi duas horas para ser apresentado, e isso, para alguns, torna-se maçante, cansativo. Temos uma sugestão: porque não apresentá-lo em duas vezes, dividindo-o ao meio, em horários diferentes?...

LEON ELIACHAR

20-5-1941

POPÉIA DE AMOR

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

— O senhor é extremamente amável, monsenhor; asseguro-lhe que arrombei as suas portas sem trabalho algum.

— Ah!... O senhor está acostumado!

— Ora, monsenhor, faz-se o que se pode... Um arrombaram as fechaduras, os outros os corações humanos...

— Mas entre, por favor. Permita-me cumprimentar os seus deveres da hospitalidade.

Pardaillan não hesitou. Entrou.

O marechal fechou a porta.

Estavam então na vasta antecâmara para a qual davam duas portas: uma delas dava para uma espécie de salão que não era a sala nobre do palácio, mas uma espécie de sala íntima reservada para os amigos do marechal!

Foi para essa sala que Damville levou Pardaillan. Ele pousou a vela sobre a chaminé e, designando uma poltrona ao seu singular visitante, sentou-se também.

— Então — disse Pardaillan, sentando-se sem repetir o convite — monsenhor esperava-me?

— Senhor de Pardaillan, eu o esperava sem esperar. Espera-se sempre um homem como o senhor. Na situação em que estamos, um para com o outro, não cesso de pensar em que o senhor teria, mais cedo ou mais tarde, o desejo de vir-me.

— Vejamos, monsenhor; diga-me, estava prevenido da minha visita? — perguntou Pardaillan, que se lembrou de Gillot.

— É verdade — respondeu Damville.

— Já que o senhor está em veia de franquezas, não me poderia dizer quem o preveniu?

— É fácil, e não vejo motivo para ocultar-lhe esse detalhe. Um dos meus oficiais, que o senhor conhece muito, e por quem tem uma grande amizade, O bravo Orthés.

— O senhor visconde de Aspremont?

— Ele mesmo. Se o senhor lhe tem amizade, ele lhe dedica uma tal afeição, que procura todas as ocasiões de avistá-lo, nem que seja só por um minuto. Eu creio que ele tem algum recado interessante para lhe dar.

— Ouvi-lo-ei, com gosto, monsenhor. Com efeito, há uma conversa começada entre esse digno fidalgo, e eu, e necessariamente a última palavra será de um ou de outro. Mas digno-se continuar: monsenhor, dizia então...

— Dizia-lhe, meu caro senhor, que o seu excelente amigo Orthés, na esperança de poder abraçá-lo, não cessa de vagar em torno do palácio Montmorency.

— Ah! pensou Pardaillan: — não é então Gillot?

— Esta noite, pois, ele o seguiu, o viu escalar o muro do meu recinto, e, enquanto o senhor estava forçando a porta da cópia ele entrou pela porta grande e preveniu-me da sua visita. Eu ia justamente deitar-me. Mas, para ter o prazer de vê-lo, resolvi ficar acordado. E fiz bem, pois que o senhor aqui está.

— Então, aqui estou — disse Pardaillan. — Mas, monsenhor, lá que leva a condescendência a este ponto, dar-me a licença de fazer-lhe uma pequena pergunta: uma só?

— Como não? Dez perguntas, questões ordinárias e extraordinárias, se quiser; o senhor tem direito a todas as perguntas!

— Bem, pois, o velho soldado não pôde deixar de perguntar-lhe:

— Onde entrega-lhe o cartão?

— Aplica-lhe a questão, isto é, a tortura!

— Entretanto, ele fez boa cara e proseguir:

— Pergunte-lhe, pois, monsenhor, se está só, se hesita, se está tranqüilo.

— Senhor de Pardaillan, pode dizer-me tudo, e salvar a sua coração. Quanto a estar só, compreendo que seja faltar-lhe com o devido respeito. Nunca se desdignados os braves oficiais em torno de mim, quando tenho a honra de receber um homem como o senhor. E, de resto, veja!

— A estas palavras, o marechal levantou-se.

Três portas davam para essa sala: uma pela qual Pardaillan tinha entrado; a segunda, que dava para o quarto de dormir; a terceira, que dava para uma sala de armas.

Damville abriu a primeira, e Pardaillan avistou doze guardas em duas fileiras, armados com alabardas.

O velho soldado sacudia a cabeça, e Damville fechou.

Depois, com o mesmo passo tranqüilo, abriu a segunda porta, e uns quinze fidalgos apareceram diante de Pardaillan: estavam todos de espada em punho.

— Boa noite, senhores! — disse o velho soldado, andando.

Os fidalgos ficaram imóveis e mudos.

Esta segunda visão desapareceu logo, tendo o marechal fechado a porta.

Foi então abrir uma terceira, e, dessa vez, foram seis arcabuzeiros, prontos a fazer fogo, que apareceram: atrás deles, Orthés, pronto a dar o sinal de descarga.

Fechando essa terceira porta, o marechal voltou ao seu lugar.

— Estou apanhado! — disse a si mesmo Pardaillan, que não pôde deixar de estremeecer.

Mas talvez uma súbita idéia lhe atravessasse o cérebro, porque o marechal, sentando-se, o viu sorrir, e esse sorri-o desconcertou Damville, que esperava vê-lo pálido e a tremer.

— Conversemos agora — disse o marechal, franzindo o sobrolho. — Meu caro, o senhor vinha aqui para assassinar-me.

— Não, monsenhor; eu vinha para mata-lo, é verdade, mas para mata-lo em combate leal. Constatava encontra-lo só. Tinha mesmo previsto o caso em que o encontrasse dormindo. Acorda-lo-ia então, ter-lhe-ia pedida que se vestisse e dir-lhe-ia isto: "Monsenhor, o senhor está afligindo terrivelmente algumas boas pessoas que só querem viver

felizes e tranquilas e que o senhor resolveu trucidar. O senhor já fez bastante mal na sua vida. E presto-lhe um grande serviço impedindo-o de continuar. Eis aqui a sua espada, eis a minha. Defenda-se bem, porque eu tenho a pretensão de não sair daqui sem tê-lo morto". Eis o que eu lhe teria dito, monsenhor. Estou pronto para dizê-lo de novo. O senhor manda abrir essas três portas. Haverá numerosas testemunhas para afirmar que monsenhor Henrique de Montmorency, marechal duque de Damville, não foi assassinado, mas muito lealmente morto pela graça de Deus e da minha espada.

Esse marechal era uma verdadeira fera; mas tinha o culto da coragem.

A atitude sossegada e zombeteira de Pardaillan, esse sorriso que lhe arrepiava o bigode, a sua perfeita tranquilidade numa tão terrível emergência fizeram nele uma profunda impressão, e não pode deixar de olhar com admiração para o homem que, cercado de espada, de alabardas e de arcabuzes, ousava falar-lhe desse modo.

— O senhor de Pardaillan, — disse ele — não previu o caso em que eu o matasse...

— Era impossível, monsenhor. Eu tinha todas as vantagens. Não lhe direi que a sua causa é má e a minha justa, porque, neste momento, eu sou a prova evidente de que as boas causas nem sempre triunfam; mas dir-lhe-ei que, na profissão das armas, é o mais ousado quem vence, e eu estou certo de ser mais audaz do que o senhor.

— Pois bem; mas o senhor não previu o caso de que eu não lhe quizesse dar a honra de bater-me com o senhor.

— Já tivemos uma explicação a esse respeito, no nosso encontro em Ponts-de-Cé, monsenhor; creio ter-lhe provado que a minha espada vale a sua.

O marechal levantou-se, pensativo, e deu alguns passos na sala, não sem olhar de soslaio para as mãos do seu adversário.

Mas Pardaillan, tranquilamente sentado, apoiado à sua poltrona, olhava para ele com um ar de simplicidade, que pareceu ao marechal um prodígio de intrepidez. O marechal encostou-se na alta chaminé e disse lentamente:

— Senhor de Pardaillan, eu sempre tive pelo senhor a mais alta estima, e lhe provei. Provo-o ainda neste momento com a minha moderação. Se eu fizer um sinal, o senhor cairá morto no mesmo instante. O senhor viu que os arcabuzeiros, as alabardas e espadas não esperam senão um sinal. Poderia ainda fazer peor: poderia mandá-lo prender, mandá-lo transportar à Bastilha, que, o senhor sabe, é comandada por um dos meus amigos, o qual, com uma recomendação minha, o mataria tão seguramente como estas alabardas e estes arcabuzes, com a única diferença de que o senhor morreria num cavalete e que a sua agonia poderia durar muitas horas e mesmo muitos dias... Se eu desse esse sinal de morte; se desse ordem para entregá-lo ao carrasco, estaria no meu direito. Com efeito, quem é o senhor para mim? Um inimigo. O senhor traiu-me outrora em Margency; em Ponts-de-Cé tínhamos fechado um pacto, eu lhe tinha perdoado a sua traição; admiti-o na minha casa; o senhor era do número dos meus amigos; o senhor traiu-me mais uma vez do modo que sabe. Por milagre escapou à minha justa vingança. E desde então o senhor passou ao campo inimigo. Cumulei-o de benefícios; o senhor não conhecia o meu irmão, ora, é a meu irmão que o senhor está servindo, e é a mim que o senhor vem assassinar...

Que tem a dizer a isso?

— Que eu não o trai, monsenhor. Que, decidido a secundá-lo numa empreza grandiosa, não quiz tor-

nar-me o seu cúmplice numa empreza infame. Capaz de entrar no Louvre e de prender aí o rei com as minhas mãos; capaz, se o senhor me ordenasse, de apoderar-me da coroa e de lh'a trazer; capaz de resistir em campo raso ao exército real, se o senhor me tivesse confiado o punhado de homens de que dispõe, eu era capaz de tornar-me carrasco de uma mulher. Era preciso pedir-me o que eu lhe podia dar, monsenhor! A minha espada, o meu sangue, a minha energia: o senhor quis fazer de mim o espão do meu filho e o carcereiro daquela que ele ama. O senhor cometeu esse erro... O senhor sabe, de resto, que eu não o trai. Se eu tivesse querido trai-lo e fazer fortuna ao mesmo tempo; se eu tivesse querido mandá-lo o Montfaucon e ganhar com essa ingenuidade as suas próprias riquezas, bastar-me-ia ir ter com o rei e dizer-lhe que o senhor quer matá-lo para coroar o duque de Guise. O meu silêncio sobre este assunto prova-lhe, monsenhor, que o senhor se separou por culpa sua de um homem capaz de guardar um importante segredo, o que é raro, creia-me.

O marechal tinha empalidecido horivelmente. Um tremor convulsivo agitou-lhe as mãos. E ele que tinha em seu poder o velho soldado, foi quem perguntou, com voz súplice:

— Então, não disse nada a ninguém desse assunto?

Pardaillan levantou os ombros com supremo desdém.

— Ouça-me bem, — prosseguiu Damville. — Sem me denunciar, cousa abominável e monstruosa, que a sua altivez não permitiria, o senhor poderia ter ao menos... confiado... a certas pessoas...

— Ah! ah! eis então o segredo que ele chamou a sua moderação! — pensou Pardaillan. Ele quer saber se eu não falei.

E em voz alta, acrescentou:

— A que pessoas, monsenhor?

— Mas... as pessoas que talvez não tivessem a sua generosidade!... Ao senhor de Montmorency, por exemplo!

E Damville esperou a resposta com uma angústia que lhe transtornava a cara.

— E quando o tivesse feito! — disse Pardaillan. — O senhor falava nos seus direitos? Não tenho o direito de tratá-lo como inimigo? Não tenho o direito de dar essa arma ao seu irmão? E' mais do que um direito. Como! O senhor aprisiona a filha do marechal de Montmorency... e eu não falo da desgraçada senhora de Piennes! Eu não falo das desgraças que o senhor ocasionou! Eu tomo as cousas somente no pé em que elas estão; o senhor manda fechar as portas de Paris para o marechal; retém-n'o prisioneiro, a ele e à sua gente, e a nós, por consequência! E' que então o senhor está nos preparando o último golpe que nos deve esmagar, a todos!... Declaro-lhe, monsenhor, que eu não teria a coragem de ser o seu denunciador; pensei que ao menos eu devia dizer tudo ao marechal seu irmão, afim de que ele pudesse defender-se...

— O senhor fez isso? — exclamou Damville, com um tom de raiva e desespero.

Pardaillan sacudiu mais uma vez os ombros.

— Eu queria fazê-lo; mas não o fiz. Não me agradeça. Desespero-me por ter-me calado: foi o meu filho quem me impediu de falar. Este jovem louco sempre teve idéias singulares, que o arruinaram e que me arrastarão com ele à ruína. Sabe o que ele me disse?... "De preferência a revelar o que não me pertence, se bem que eu o tenha surpreendido com o meu próprio risco, já que o senhor, meu pai, é o depositário dele, de preferência a rebaixar-me a esse grau de infamia, matar-me-ia a sua vista! Que Damville

mulheres que ele jurou salvar, se rebalxe ao papel de covarde e de traidor! Ah! meu pai, não perdorei a ofensa que o senhor me faz. Tenha mais alta e mais digna estima por si mesmo e deixe a verronha dessas propostas ao senhor duque de Damville, que tem o hábito da felonía e da traição".

O velho soldado, mais direito do que nunca estendeu o dedo para o marechal até quasi o tocar.

— Miserável! — rugiu Damville.

— Uma última palavra, monsenhor! Uma só! Além dos defeitos que eu acabo de assinalar-lhe, o cavalheiro tem ainda o de amar-me tal como sou, de amar-me mesmo muito mais do que sua honra. Ele sabe que eu estou aqui! Se, ao amanhecer, não me vir chegar, ele é capaz de ir contar ao rei que o senhor o trai em favor de Guise... Sim, é capaz, no seu desespero! Matando-se em seguida para punir-se de ter sido delator.

O marechal, que já se precipitava, parou como que fulminado, pálido, espumante, terrível. Pardailan sorriu para si mesmo e murmurou:

— Desvia esta, se puderes!...

Mas, no espirito do marechal, excitado pelas palavras do velho soldado como o touro pelas fúrias, o furor e o ódio venceram o terror.

— Pois bem! — urrou ele. — Correré o risco! A mim! A mim, todos!...

Pardailan, com um gesto fulminante, tirou a sua adaga e saltou sobre o marechal.

— Serás então tu o primeiro a morrer!... — rugiu ele.

Mas Damville tinha previsto o golpe. No momento em que o punhal ia feri-lo, ele se atirou ao fio comprido sobre o tapete: Pardailan, impellido pelo arranco, tropeçou; no mesmo instante a sala encheu-se de gente, cheia de alabardas e espadas.

Desvalrado, o velho soldado quis então puxar a sua espada para ao menos morrer defendendo-se: mas baldada tentativa! Agarrado por todos os lados ao mesmo tempo, seguro por vinte braços, ele foi num instante amordagado, desarmado, amarrado.

Então fechou os olhos e endireitou-se numa imobilidade terrível.

— Monsenhor — disse Orthés — onde se deve enforcar este truão?

— Enforcá-lo! — disse Damville, com uma voz que ainda tremia de raiva. — Absolutamente! Este truão possui segredos que será útil arrancar-lhe no interesse de Sua Majestade o nosso rei...

— Então vai-se-lhe aplicar a tortura? — replicou Orthés.

Pardailan estremeceu longamente.

— Certamente! — respondeu Damville. — O executor público será prevenido por mim, e eu mesmo quero assistir á tortura.

— Aonde deve ser levado?

— Ao Templo — disse o marechal.

O CONVENTO MILAGRE

No ano 1290 deu-se em Paris um milagre que vamos relatar aqui para esclarecer a narrativa. Nessa época morava, não longe de Notre Dame, entre muitos outros infieis, um judeu chamado Jónathas.

E' preciso dizer-se que mestre Jónathas possuía uma bela casa rodeada de grandes, belos e vastos jardins. Acrescentemos que para sua desgraça ele era vizinho de um certo convento que, justamente, cobrava os ditos jardins.

Ora, esse judeu, segundo a afirmação dos seus vizinhos — os bons frades, — tinha jurado cometer um horrível delito contra a religião.

Que fez ele? No domingo de Páscoa do ano 1290 mandou uma mulher, que ele tinha industriado, fazer as suas páscoas em Notre Dame.

A mulher recebeu a hóstia e, em vez de engulir-la, trouxe-a intacta ao judeu Jónathas. Este, na sua fúria de herege, começou por atravessar a hóstia com a ponta do punhal. Ora, que aconteceu? A hóstia pôs-se a sangrar! Sob o golpe do punhal saiu sangue vermelho da hóstia!

A mulher, vendo este milagre, ficou aterrada e cheia de remorsos, e foi atirar-se aos pés dos bons frades, como disse deram testemunho todos os superiores e irmãos dessa comunidade.

Quanto ao judeu, a vista do sangue, longe de acalmar o seu frenesi, pelo contrário, exasperou-o. Pegou num martelo e num prego, como outrora se fizera para crucificar Jesus. Enterrou o prego na hóstia: novo milagre, nova efusão de sangue rubro!

Furioso, o judeu atira a hóstia ao fogo... e a hóstia pôs-se a voltear acima das chamas, sem arder.

Diante desses sinais evidentes do poder celeste, Jónathas, desesperado por não poder vencer a hóstia, colocou no fogo uma grande caldeira, que encheu de água. Quando a água começou a ferver, atirou dentro a hóstia; mas, em vez de dissolver-se, ela ficou intacta, branca e pura. E tendo a hóstia sangrado, toda a água da caldeira se transformou em sangue que fervia!

Não se sabe que novos sacrilégios teria cometido Jónathas se, justamente nesse momento, não tivesse sido preso. Ele não quis absolutamente confessar os seus crimes, o que era o remate da sua maldade. Os frades indignados, colocaram-no vivo sobre um belo monte de lenha, ao qual puseram fogo.

Quando o judeu ficou reduzido a cinzas, os padres purificaram as suas propriedades, anexando-as ao seu convento. Para completar a exploração, um burguês chamado Regnier-Flaming, mandou construir uma capela, que se chamou a "Casa dos Milagres". Este lugar chamou-se: *o Convento onde Deus foi ferido*.

Nós ignoramos se realmente o judeu Jónathas mergulhou a hóstia numa caldeira. O que é bem certo é que Jónathas foi assado vivo e que os seus belos jardins passaram para os frades.

Desde o ano de 1290 até o ano de 1572 e mais tarde, deram-se milagres nesse lugar.

De tempos em tempos, a caldeira na qual a hóstia tinha sido fervida transformava em sangue vermelho a água que aí se despejava. Geralmente esses milagres eram considerados como uma ordem do céu aos parisienses: ordem para queimar vivos um certo número de hereges.

Foi um desses milagres que se deu no dia 17 de agosto de 1572. Era um domingo. E esse dia era a véspera daquele em que foi celebrado o casamento de Henrique de Béarn com Margarida de França. Nesse dia, cerca das cinco horas da tarde, como houvesse muita gente na rua, a porta abriu-se de repente, e apareceram dois frades, gesticulando e gritando:

— Milagre! Natal a Jesus!

Um desses frades era um dos nossos velhos conhecidos: o irmão Thibaldo, mais gordo, mais majestoso e mais cheio de unção do que nunca; o outro era o seu inseparável irmão Lubin.

Lubin que, devem lembrar-se sem dúvida, tinha tido licença, durante algum tempo, de sair do convento para ir servir no albergue da Devinière no emprego de criado, Lubin tinha voltado á sua cela, nessa manhã mesmo.

Com feito, não precisavam mais dele na Devinière, onde os amigos de Guise não se reuniam mais. E o reverendo prior tinha dito a Lubin:

— Meu irmão, a sua missão secular está terminada. Nessa demorada expedição ao país dos Filisteus, o senhor ganhou glórias certamente mas, como a carne é fraca, é provável que mais de uma vez sucumbisse

ao demônio da gula; por causa da santa glória que o senhor adquiriu no seu emprêgo secular na Divinière, nós o nomeamos, guarda da caldeira, o que é uma imensa honra para o senhor e para o irmão Thibaldo, que será o seu acólito; mas, por causa dos pecados que não poderá ter deixado de cometer na casa dos Filisteus, terá o cuidado de aplicar-se a disciplina todas as noites: além disso, abster-se-á de carne, de legumes e de vinho durante quinze dias.

— "Deo gratias"! — murmurou Lubin, inclinándose.

Más ao mesmo tempo um profundo suspiro dilatava-lhe o peito e ele gemia no seu íntimo:

— Quinze dias a pão e água... Ah! morrerei!

Triste e com a alma cheia de amargura, o irmão Lubin voltou à sua cela, onde se encontrou de novo com o irmão Thibaldo, que, sem dúvida prevendo a esperança é o levou para uma sala contígua à porta da entrada.

Esta sala, disposta como uma capela, não continha senão algumas cadeiras e imagens sacras, mas no fundo erguia-se uma espécie de altar, encimado por um grande crucifixo. Era nesse altar que estava colocada a famosa caldeira. Em tempos ordinários, ela estava coberta com um pano de sarja preta; umas poucas vezes permitia-se aos fiéis desfilarem diante dela, e então a descobriam: era uma vulgar mancha de cozinha de cobre baído. De tempos em tempos, despejava-se água dentro, para ver se não se reproduzia o milagre, isto é, se essa água não se transformaria em sangue.

Irmão Thibaldo levou, pois, irmão Lubin até a caldeira, diante da qual ele se ajoelhou.

— Por que está assim a suspirar? — perguntou ele então.

— Ah! meu irmão — respondeu Lubin, desesperado. — Ah! a boa mesa da Divinière! Ah! que empadinhas fazia a senhora liugette! Empadinhas das quais eu sempre apanhava algumas uma vez ou outra!... Ah! os presuntos que eu regava com os restos das garrafas que me davam!... Lá havia sobretudo um certo vinho de Borgonha, delicado, que agradava ao paladar, e aquecia o coração.

— Cale-se, meu irmão! — disse Thibaldo, passando a língua pelos beiços.

— Que quer? Sinto que pertence de corpo e alma ao demônio da gula; porque é assim que o reverendo prior chama a divina felicidade de molhar-se a garganta com um pouco de bom vinho, depois de ter inflamado antecipadamente essa garganta com especiarias...

Irmão Thibaldo não pôde mais resistir e exclamou:

— O senhor faz-me vir água à boca!

— Ah! meu irmão eu não sei que alegrias nos estarão reservadas no paraíso; mas o que sei é que nesta terra, o paraíso se chama o Albergue da Divinière!

— Lembra-se dos suculentos jantares que nós ali comemos?

— Se me lembro, justo céu!... E os de outr'ora, no tempo de mestre Gregório, o pai de mestre Landry!...

— Era prosseguiu irmão Thibaldo — pelo ano quarenta e seis ou quarenta e sete, o ano em que morreu o nosso sire Francisco I e em que conhecemos o ilustre e reverendíssimo Ignácio de Loyola. Era o bom tempo, irmão Lubin! Então, quando acabávamos de jantar, bem mestre Gregório contentava-se com a nossa bênção em pagamento.

— Ao passo que hoje é preciso lutar e arriscar o barão para se comer bem!

— A quem o senhor o diz, meu caro irmão! Como o senhor me vê, já arrisquei mais de uma vez a força para acompanhar a Divinière o duque de... Mas

psiu! O senhor não está iniciado nesses grandes segredos...

Entretanto, tenho que jejuar como um noviço! Que digo eu? Como um condenado às galés!

Thibaldo piscou os olhos e sorriu com misteriosa eloquência.

Lubin, que conhecia a fundo a alma de Thibaldo, estremeceu de esperança.

— Nada, meu irmão, nada... Parecia-me... pelo seu ar... pelo seu sorriso.

— Psiu! — replicou Thibaldo. — Feche a porta, meu irmão.

Lubin apressou-se em obedecer, com uma singular amabilidade, e voltou para Thibaldo, com o coração a palpitar.

— Então o senhor está condenado a passar quinze dias a pão e água?

— Ai de mim! — gemea Lubin, cuja pouca esperança se desvanecia diante da fisionomia severa de Thibaldo.

— Ou acha que o senhor não resistirá — continuou este.

— Parecia-me até que já vou morrer...

Thibaldo tirou de um armário um pão preto e duro com uma garrafa de água turva e disse, severamente:

— Eis o seu alimento para dois dias, meu irmão.

Lubin cruzou os braços sobre o peito, e dando no tórax muitos socos lastimava-se:

— Dêam-me logo de uma vez que estou condenado! Que, irmão Thibaldo! E' mesmo o senhor, o senhor, com quem eu jantei tantas vezes e com quem tantas vezes bebi, é mesmo o senhor que me oferece essa horrível comida e esse líquido infeto? Ah! meu irmão, nunca pensei que o senhor fôsse capaz de tamanha dureza de coração! E quando penso naquelas divinas empadas...

— Paz, meu irmão! — exclamou Thibaldo, cujos olhos começaram a luzir.

— Naqueles frangos que se assavam diante da chaminé e cujo delicioso molho caía em gotas suculentas...

— Meu irmão, o senhor está induzindo-me em tentação!

— Naquelas garrafas cujo líquido vermelho caía nos nossos copos com um ruído tão harmonioso...

Thibaldo pareceu tomar uma heróica resolução: olhou um instante de soslaio para a porta e segurou na mão de Lubin.

— Então, meu irmão, suponhamos que eu levanto a sarja que está cobrindo esta caldeira, e que encontro, na caldeira, primeiro...

Assim falando, tinha Thibaldo, com efeito, descoberto a caldeira dos milagres e aí mergulhado ambas as mãos.

— Que o senhor aí acharia o que? — perguntou Lubin, fora de si.

— Primeiro, esta empada de crosta dourada, que veio em linha reta da Divinière.

Lubin deu uma exclamação de êxtase.

— Depois — continuou Thibaldo, pousando sobre o altar as provisões, à medida que as ia designando — depois este pão fresquinho, de hoje de manhã, tenro e torrado no ponto... Depois este frango frio... Depois estas duas garrafas de vinho branco... Depois este presunto de carne cor de rosa... Depois estas quatro garrafas de Borgonha...

Lubin pusera as mãos juntas. As suas bochechas tremiam.

Thibaldo, como se estivesse em ceremonial, andava de um lado para o outro diante do altar, grave e pesado; e quando as seis garrafas foram arrumadas em boa ordem direita da caldeira: quando o frango, o presunto, a empada, o pão fresco foram alinhados à esquerda, ele se voltou, os braços abertos, fazendo o

gesto da bênção, os olhos mero fechados, a boca arredondada, a fisionomia radiante...

Lubin tinha caído de joelhos.

Majestosamente, Thibaldo desceu os dois degraus do altar e continuou:

— Então, meu irmão, suponha que eu lhe digo que estas apetitosas provisões não são na realidade mais do que pão preto e que estas seis garrafas não contêm senão água: crerá nas minhas palavras?

— Certamente! — exclamou Lubin, entusiasmado.

— Pois bem; levante-se. Coma e beba. Ou antes, coma, pois este pão preto mentindo, mas é no interesse da Igreja... Não procure entender, meu irmão.

Lubin, que se tinha levantado, não perguntava absolutamente como podia ser do interesse da Igreja que ele se alimentasse de frango, quando só devia comer pão duro, e que se deliciasse com Borgonha, quando era o seu dever beber só água.

Alegremente, ele despejou na caldeira a água turva que lhe tinha sido a princípio destinada, e fez os preparativos do jantar. Isto é, arrumou duas cadeiras juntas de frente e aí colocou as provisões, ao passo que as garrafas ficavam modestamente no soalho.

Os dois frades sentaram-se de cada lado dessa mesa improvisada e atacaram com vigor de velhos guerreiros já muito proveitosos.

— Eis aqui um excelente pão preto — dizia Thibaldo, devorando um pedaço de empada.

— Está aqui uma água que tem um sabor delicioso — respondeu Lubin, bebendo pelo gargalo numa garrafa de Borgonha.

Se irmão Thibaldo comeu muito, deve-se convir que se contentou com uma só garrafa de vinho branco, o que de certo lhe pareceu um ato heróico. Lubin bebeu o resto. Depois da primeira garrafa, Lubin ficou melancólico.

Depois da segunda, deu gargalhadas a torto e a direito.

Depois da terceira, pôs-se a cantar o *Alleluia*.

Depois da quarta, chorou os seus pecados.

E, para consolar-se, foi buscar a quinta e última. Mas não a achou.

Thibaldo acabava de despejar o seu rubro conteúdo na caldeira dos milagres! E, levantando os braços para o céu, chamou Lubin:

— Meu irmão! Meu irmão! Acuda!...

— Que há — gaguejou Lubin.

— Eu não sei, meu Deus, se a minha vista se tornou!... Mas... parece-me...

— Que, meu irmão?...

— Que a água que despejei na caldeira!...

— Então?...

— Então?... Transformou-se em sangue!...

— Será possível? — balbuciou Lubin. — Por que não se transformou em vinho?

Thibaldo olhou de soslaio para o seu compadre, e prosseguiu:

— Meu caro irmão, não esteja a gracejar assim com as cousas sagradas! Venha, digo-lhe eu!

— Ora! O senhor está alucinado! — disse Lubin.

Entretanto, fez um esforço, e, tropeçando, dirigiu-se para a caldeira, para o fundo da qual deitou um olhar incrédulo.

Mas, imediatamente, empalideceu e pôs-se a berrar:

— Milagre! Milagre! A água ficou vermelha! E, entretanto, era bem água! Fui eu quem a despejei aí! Ah! meu irmão, meus irmãos, meus reverendos, que honra para a comunidade e para mim! O sangue de Jesus aparecer aqui pelas minhas mãos!... Socorro! Fogo! Milagre!

Ao passo que, chorando, suspirando, vociferando, Lubin caía de joelhos, Thibaldo escondia rapidamente

no armário, que fechou a chave, os restos da refeição, e abria de par em par a porta da sala.

Aos berros de Lubin, os frades acudiram.

— Que é? — perguntou, severamente, o prior.

— Eu não sei, meu reverendo — respondeu Thibaldo. — Creio que o nosso irmão Lubin enlouqueceu... Ele acaba de despejar uma garrafa de água na caldeira, e ei-lo a berrar como um possessor!...

— Noel!... Milagre! — rugia cada vez mais alto irmão Lubin. — Era água! E' sangue! Vejam! Experimentem! Bebam, bebamos!

Os frades, com o prior à frente, precipitaram-se para a caldeira.

— Milagre! — exclamou o prior, que caiu de joelhos.

— Milagre! — repetiram os frades, imitando-o.

E toda a comunidade entoou um *Magnificat* que fez tremer as paredes do convento. Depois o prior, com lágrimas nos olhos, abraçou irmão Lubin. Os padres aproximaram-se dele e chamaram-no santo. Os noviços tocaram na fimbria do seu hábito.

Depois levantaram a caldeira.

— Meus irmãos — exclamou o prior, — levemo-la para a capela. Formemo-nos em procissão, e cante-se o *Te Deum*! Irmão porteiro, abra a porta grande, afim de que o povo saiba da nossa felicidade.

O irmão porteiro apressou-se em obedecer.

Os frades, em procissão, começaram a caminhar para a capela.

Mas, passando diante da porta do convento, aberta de par em par, Lubin, possuído pelo demônio do orgulho sacro, empunhou a caldeira e levou-a para a rua, escoltado pelo seu inseparável Thibaldo.

Aí, pondo-se a berrar mais alto do que nunca, mais vermelho, mais tonitrante e gesticuando, Lubin, apoiado em Thibaldo, proclamou o milagre.

— Fui eu quem despejou a água! — vociferava Lubin.

— Vejam! Olhem! E' sangue! — rugia Thibaldo.

E atrás dos dois furiosos, toda a comunidade, sob o grande pórtico, entoava o *Te Deum*!

Em alguns instantes, uma multidão enorme rodeou a caldeira. Por uma coincidência, para a qual nos limitamos a chamar a atenção, nas primeiras filas dessa multidão estavam uns vinte fidalgos de Catarina de Medicis, e, entre eles, Maurevert.

Os fidalgos foram os primeiros a exclamar:

— E' mesmo sangue!... Milagre!...

Algumas mulheres do povo puderam aproximar-se bastante para ver: duas delas desmaiaram de emoção, as outras caíram de joelhos...

Então, toda a multidão se pôs de joelhos e gritou:

— Milagre! Noel!...

Nesse momento, dois frades vigorosos seguraram na caldeira e carregaram-na para onde Thibaldo levava também irmão Lubin.

A porta foi fechada de novo.

Mas o povo, ouvindo o *Te Deum*! e todos os sinos a tocar, continuou a gritar:

— Noel! Milagre!...

— Viva a Missa! — berrou uma voz, que dominou o tumulto.

— Morte aos hereges! — vociferaram os fidalgos.

— Morte aos huguenotes! Viva Guise! Viva a Missa! Os huguenotes ao cutelo!

— Está aí um! — exclamou a voz daquele que tinha sido o primeiro a gritar: "Viva a Missa!"

— De joelhos! De joelhos!...

— São dois!

— Ah! os infames! A' morte! A' morte!...

A multidão, a berrar, rodeou os dois moços que chegavam e que Maurevert mostrava com a mão. Num instante, em roda desses dois moços estavam

uma tempestade de ameaças; caras transtornadas de ódio apareceram diante deles; braços levantaram-se sobre eles, os punhais relampejavam, as espadas reluziram... Eles estavam perdidos...

Nesse momento a porta do convento tornou a abrir-se.

Impelido por uma idêla de êbrio, irmão Lubin, escapando dos frades que o procuravam reter, apareceu, abençoando, gaguejando, a cara inundada de lágrima. A vista do santo que tinha transformado grima... A água em sangue, e multidão tornou a cair de joelhos, exclamando:

— Noel!... Noel!

Lubin avistou, então, os dois jovens fidalgos, que se aproveitaram da liberdade relativa que lhes davam para puxar as espadas.

As lágrimas do irmão Lubin redobram.

Ele caminhou tropeçando, de braços abertos, ao passo que, respeitosamente, abriam alas para dar-lhe caminho. E Lubin, com a cara avermelhada, sorria francamente, através das lágrimas, gaguejando:

— Que!... E' o caro senhor de Pardailhan... que me ofereceu de beber... um tão bom vinho... na Devinière... Quero... abraçá-lo!... Viva!... cho!...

— Noel! Noel! — exclamava a multidão.

MAUREVERT REPRESENTA UM PAPEL IMPORTANTE

Nesse domingo o cavalheiro de Pardailhan tinha ido visitar o seu amigo Marillac, como fazia todos os dias. Era um hábito que ele tinha tomado desde que Marillac voltara a Paris. Os dois moços contavam um ao outro as suas inquietações, as suas alegrias, as suas esperanças. Marillac falava de Alice; o cavalheiro falava de Loise.

Muitas vezes o conde tinha-se oferecido ao seu amigo para ir falar à rainha-mãe e pedir-lhe um salvo-conduto para o marechal de Montmorency e os seus. Mas o cavalheiro sempre tinha recusado com uma telmosia que já espantava Marillac.

Todas as vezes que o conde falava da rainha, da sua benevolência, das suas promessas, Pardailhan conservava-se calado. O mesmo acontecia quando Marillac lhe falava de Alice.

— Tudo é possível! — dizia a si mesmo o cavalheiro. — Quem sabe se ela não começou a querer bem a esse filho de novo encontrado!... Mas quem sabe também que ciladas pode encobrir essa tão súbita benevolência!... Quanto à desgraçada Alice, arrancaria a minha língua de preferência a revelar o terrível segredo que ela me confiou numa hora de delírio... Po: que essa ama... e uma mulher que ama é capaz de todos os heroísmos...

Portanto, o cavalheiro calava-se a respeito da rainha e a respeito de Alice... Somente ele não cessava de repetir ao seu amigo:

— E' o momento de redobrar de cautela, meu caro... Ah! eu quisera sabê-lo a cem léguas de Paris, em perfeita segurança!

Marillac sorria então... Ele estava nesse estado de absoluta confiança que é como que um profundo sono de espírito.

Não havia senão uma sombra na sua felicidade: a morte de Joana d'Albret.

Nesse domingo, havia três dias que ele não tinha visto o cavalheiro, quando o viu entrar.

— Eu ia ver se o encontrava no palácio de Montmorency! — exclamou o conde, segurando-o nas mãos do seu amigo... Mas que tem? Parece-me triste... preocupado...

— O senhor, ao contrário, está em plena alegria, como vejo... Está experimentando esse costume?... Vejamos, diga-me primeiro a sua felicidade... Dê-lhe-ei depois a minha preocupação.

O conde de Marillac, com efeito, acabava de tirar uma roupa que lhe tinham trazido e que ele tinha experimentado. Era um vestuário de grande senhor, e tal como se usavam nessa época de magnificência.

Mas esse vestuário tão rico era inteiramente negro, desde a pena do gorro até os calções de setim.

— E' amanhã o grande dia — disse Marillac, sorrindo. — E' amanhã que o nosso rei Henrique desposa a senhora Margarida. Já viu os preparativos que se estão fazendo em Notre Dame?

O cavalheiro sacudiu a cabeça.

— Será deslumbrante. A igreja toda inteira forrada de veludo com franjas de ouro. As cadeiras dos noivos são umas maravilhas... Mais de cem menestrels foram encomendados para tocar diante do pórtico grande, quando o cortejo chegar...

— Será esplêndido! — disse o cavalheiro. — Eu compreendo a sua alegria.

Marillac segurou-lhe na mão e apertou-a. Uma imensa alegria dilatou-lhe o coração.

— Caro amigo — murmurou ele — a minha alegria não provém daí... Ouça... Eu tinha jurado não dizer a ninguém no mundo... Mas a vocês meu amigo, que é um outro eu mesmo... Amanhã haverá um casamento em Notre-Dame... e amanhã à noite haverá um outro em Saint-Germain-l'Auxerrois... e eu quero que o senhor vá lá!...

— Que casamento? — perguntou o cavalheiro.

— O meu!...

— O seu! — disse Pardailhan, que não pôde deixar de estremecer. E por que tão tarde?

— A' noite, antes: à meia-noite!... O senhor vai compreender... A rainha quer estar presente para abençoar-me... Ela se encarregou de todos os detalhes da cerimônia... Só os amigos dela, amigos seguros, assistirão... e o senhor, meu caro, meu irmão, o senhor, que eu farei entrar antes da hora no templo... Mas não diga nada. A rainha quer assistir, compreende? E se soubessem!... Ah! Pardailhan, queriam saber por que a mãe de Carlos IX se interessa tanto por um pobre fidalgo huguenote... E quem poderia fazer calar as más línguas? Quem poderia explicar que, no momento em que me caso, é para mim uma imensa felicidade ter a meu lado... aquela que é... minha mãe?

O cavalheiro estremeceu sem que o conde o percebesse: essa cerimônia misteriosa, esse casamento à meia-noite que devia ficar secreto e ao qual Catarina devia assistir. Ele pensou numa cilada, teve a previsão de alguma sangrenta tragédia no fundo de uma sombria igreja...

— Felizmente eu estarei lá! — pensou ele.

E como se o pressentimento de uma desgraça o atormentasse, apontou para a roupa estendida sobre uma cadeira.

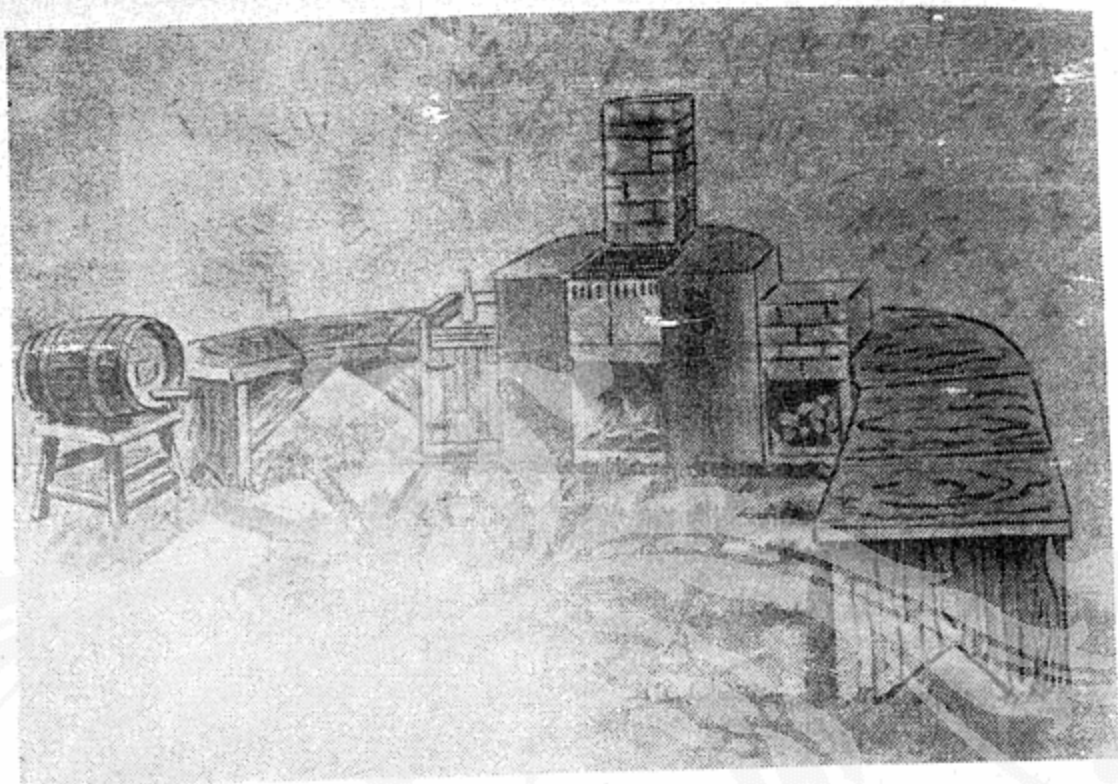
— E' com essa roupa que o senhor se vai casar?

— E', meu irmão — disse Marillac, ficando subitamente grave. — E' com esta roupa que eu quero assistir ao casamento do nosso rei, e é com esta roupa que, à noite, à meia-noite, eu irei a Saint-Germain-l'Auxerrois...

— Que! Assim todo de preto?

— Ouça-me, cavalheiro — disse Marillac, cuja cara se ensombrou. Sinto-me tão feliz, que às vezes pergunto a mim mesmo se não estou sonhando. O senhor sabe quanto eu sofria por ser obrigado a mal-dizer minha mãe... Pois bem! Essa mãe revelou-se a mim como a mais amorosa das mulheres, como o mais terno dos corações. Sabe como eu amo a minha noiva... pois, amanhã, Alice será minha mulher... Compreendo que essas duas felicidades indizível acabrunhem a minha alma!...

(Continua no próximo número)



SUGESTÕES

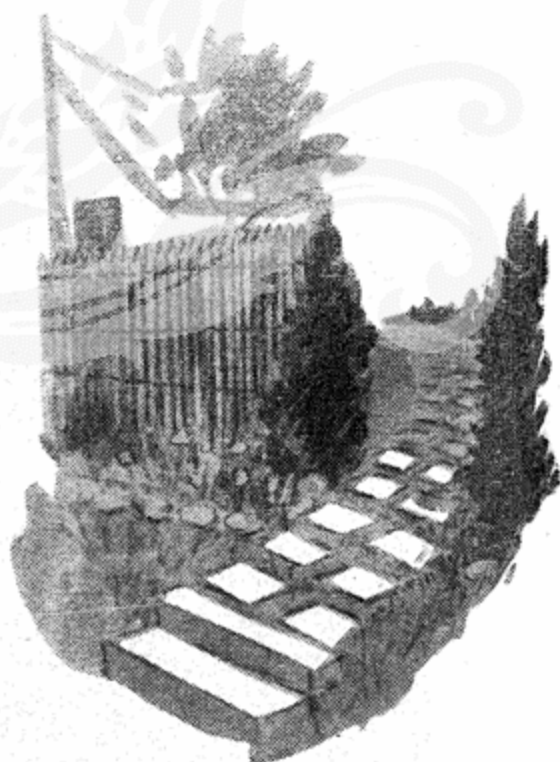
COZINHA E BANCOS

Este conjunto de cozinha e bancos, construído ao ar livre, é de resultados muito práticos, pois, nas casas de campo, é comum servir-se refeições em lugares apropriados da horta ou do jardim. Sem que se prejudique o encanto particular que oferecem os almoços ou as merendas servidas com este carácter de improvisação, consegue-se apreciável comodidade, pois os alimentos podem ser convenientemente preparados no pequeno fogão — com sua pequena e útil chaminé, — enquanto os comensais tomam assento nos bancos. Por outro lado, a apresentação do conjunto, dentro de sua simplicidade, está ótima, e sua localização numa parte agradável do terreno será sempre um motivo interessante e de bom-gosto.



CANTEIRO DE LADRILHO

Ficam muito bonitos, em volta da casa, estes pequenos canteiros que se formam em torno de uma árvore. O do desenho ao lado é construído com borda de ladrilhos naturais, obtendo-se, com as pequenas plantas que se distribuem no seu interior, uma bonita nota de contraste e cor.



ENTRADA PITORESCA

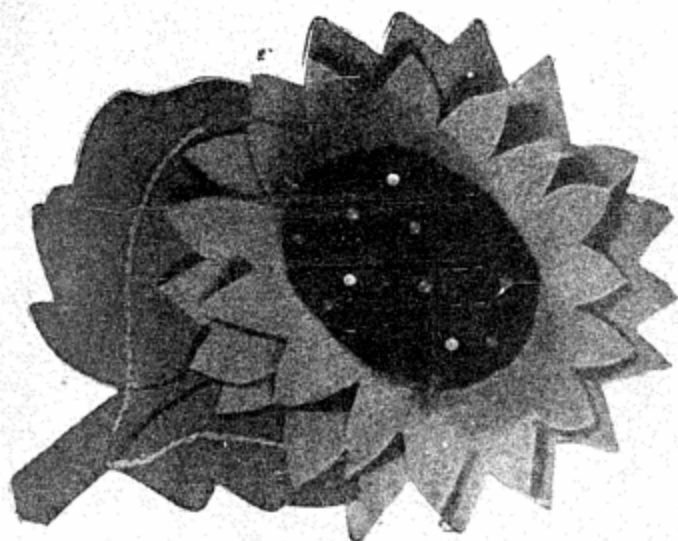
Mais de uma vez já nos referimos à conveniência de serem simples as entradas, porém bonitas e pitorescas. O projeto acima oferece as características mencionadas, entrando na sua execução o seguinte material: cerca de bambú; degraus de alvenaria e o caminho de lajeotas e cimento.



alfineteiros

DUBLICAMOS três originais modelos para alfineteiros.

O primeiro, no feltro de coração, tem, nesta página, o disco em tamanho de execução. Cortam-se cinco capas de feltro do mesmo tamanho e coloca-se uma sobre a outra, prendendo-as apenas na parte de cima. A capa de fora leva, no centro o bordado e na extremidade três cartelas de renda. Apresentamos também um belo girassol, sendo o centro a parte indicada para os alfinetes. São recortadas duas ordens de pétalas, em feltro amarelo. A de cima fica inteiramente solta e a outra é presa nas folhas e na haste. O centro, que é acolchoado com algodão ou serragem, é feito em feltro marrom. As folhas e a haste, em feltro verde. O mais original dos alfineteiros é, sem dúvida, o pequeno pé de cacto. O vaso que sustém a planta é a parte acolchoada, onde serão colocados os alfinetes, servindo também de base para poder ficar em pé. As folhas são em feltro verde, com pequenos pontos formando blocos, em preto. O vaso leva, na parte superior, uma grega de ponto de laçada. Todo o contorno é feito com ponto de feston. Em toda a superfície deste alfineteiro podem ser colocados os alfinetes.



APRECIADO *em* TODA PARTE!



CONTINENTAL